

DIÁRIO FILOSÓFICO

** 06 de maio de 2007 **

Noutro dia estava comigo e pensando comigo: “Sou mesmo um homem miserável: nunca tive o amor de meus pais, tenho um grande vazio dentro de mim, odeio a mim mesmo e o mundo, a solidão sempre me acompanhou e nunca despertei em alguém uma simpatia qualquer — o que resta para mim? Sem dúvida, eu tenho apenas duas escolhas: ou continuo vivendo esta vida miserável para sempre, e sabendo que nunca serei feliz, ou acabo logo com tudo, abandonando de vez a vida e fechando, com chave de ouro, o conjunto de fracassos que adquiri ao longo de minha existência”. Resolvi continuar com a vida miserável.

Uma vida miserável em parte, evidentemente, pois se fosse completamente miserável, certamente que não teria escolhido (supondo que eu escolhi) continuar com tudo isso. E realmente é mesmo assim: toda a esperança que uma pessoa pode ter não resiste à total perda de alegria de viver, tendo em vista que a própria esperança é uma espécie de alegria inconstante. Bom, mas isso é outra história.

** 07 de maio de 2007 **

Hoje foi um dia frio, de chuva. Fui trabalhar cedo para chegar cedo. No final da tarde, saí e me dirigi ao centro para comprar um “guarda-livros”: como de costume, aproveitei para dar uma espiada na cidade, que em épocas chuvosas sempre se apresenta triste e parada — o tempo frio e chuvoso sempre me afetou assim e muito comumente me deixa pensativo...

** 08 de maio de 2007 **

Resolvi tirar do plástico um livro de La Rochefoucauld que comprei faz algumas semanas. Folheei-o por uns instantes quando encontrei esta máxima:

“Nada menos sincero que a maneira de pedir e dar conselhos. Aquele que os pede, parece ter uma respeitosa deferência pelos sentimentos do

amigo, quando só pensa em fazê-lo aprovar os seus e torná-lo responsável por sua conduta. E aquele que os dá, paga a confiança que lhe demonstram com um zelo ardente e desinteressado, embora na maioria das vezes procure nos conselhos que dá somente seu próprio interesse ou sua glória”.

Que maravilha! E eu que já faz muito tempo venho procurando um bom argumento para justificar a minha “má vontade” para dar conselhos! Preciso decorar este trecho para repeti-lo sempre que alguém vier me pedir conselhos. Mas... Será que é só isso mesmo? E se for uma pessoa que amamos: não damos conselhos para que ela possa prosperar e assim ficar mais feliz (e nós também)? E neste caso não é louvável? Pois, ora, buscar o próprio interesse todo mundo o faz em praticamente todas as ações... Eu gostei do formato do livro e vou lê-lo assim que terminar de ler *Aurora*, pois os nossos métodos de exposição e estilos lingüísticos são bem parecidos.

Rapidinhas: o papa no Brasil

O tal do Bento VI chega amanhã ou depois de amanhã aqui no Brasil, e a Globo já está fazendo aquela festinha falsa e medíocre — a Globo, esta anticristã que ensina o povo a ser burro (algumas pessoas sustentam a tese de que a burrice e a felicidade são diretamente proporcionais: será por isso que o povo gosta tanto da Globo?).

Rapidinhas: a mulher bonita e sua falta de compreensão

Certo dia, quando vinha do centro da cidade no ônibus, vi o seguinte nas costas do assento da frente: $b=1/i$ (e lá especificava: b = beleza; i = inteligência; o título era algo assim: a equação da mulher). Isso quer dizer que, na mulher, a inteligência é inversamente proporcional à beleza (no ônibus, tinha até o gráfico no plano cartesiano). Será isso verdade? E se pensarmos assim: 99% das pessoas do mundo têm pouca inteligência; apenas 1% das mulheres são bonitas; se eu encontrar uma mulher charmosa e bonita, qual a probabilidade de ela ser inteligente? E isso sem falar que existe cada mulherzinha feia e demente por aí!

* 10 de maio de 2007 *

Agora de noite me bateu uma certa inquietação. — Pelo que percebo, estou prestes a ser chamado para dar aula de matemática no estado (fiz o concurso e passei); daí, já faz alguns meses que vinha me planejando para comprar alguns livros da coleção *Fundamentos de Matemática Elementar* com o intuito de me preparar melhor, mas como os livros são caros fui adiando até agora, quando finalmente comecei a comprá-los. No entanto, o meu irmão me ofereceu uma placa para meu computador, para rodar jogos, e, já que gosto muito de games, vou comprá-la. — Já comprei três livros da coleção e pretendia comprar mais quatro, só que agora, como vou pagar a placa, possivelmente só comprarei mais três (pelo menos nos próximos dois meses)... E por isso fiquei triste e inquieto! Que droga!

...

Estava lendo Voltaire certa vez, não lembro o livro (parece que era o seu *Tratado Metafísico*), e ele comparava o homem com os outros animais, ou melhor, dizia ele que o homem era diferente dos outros animais, pois, por exemplo, quando vemos uma outra pessoa em sérios apuros (risco de vida), esforçamo-nos o quanto pudemos para salvá-la e sem pensarmos em nós. Desde então, fiquei me perguntando se um ato desses é realmente um ato que não é dirigido para o próprio “eu” daquele que salva.

* 11 de maio de 2007 *

Então, continuando o que escrevia ontem, deparei-me com Nietzsche, anteontem, que escreveu: “*O acidente do outro nos toca e faria sentir nossa impotência, talvez nossa covardia, se não o socorrêssemos. Ou então traz consigo mesmo uma diminuição de nossa honra perante os outros ou diante de nós mesmos...*” — isso, no entanto, ainda não pôs um ponto final em minha dúvida, pois *também* Nietzsche, de uma maneira mais leve e disfarçada, apóia sua tese em um egoísmo consciente (ajudar para ganhar aplausos, ajudar para não nos sentirmos fracassados). É claro que na grande maioria dos casos isso é até

evidente, mas minha dúvida está nos casos mais extremos, é com casos extremos que gosto de lhe dar. Por exemplo: um homem está numa floresta e vê outro homem sendo atacado por um animal que pode lhe tirar a vida a qualquer momento; se acaso ele ajudar o outro, tudo isso ocorre em uma fração de segundos e sem ponderação consciente — é um impulso automático que, mesmo admitindo que seja algo adquirido com a educação, não perde o seu quê de instintivo. Enfim, poderiam dizer que ele “sente” e percebe, mesmo sem reflexão, que aquela atitude é necessária, bem-vinda, uma atitude que lhe dará prazer e satisfação depois, que não fará com que ele se sinta fracassado (isso é até o mais provável: reflexo, isto é, reação adquirida que, mesmo visando o bem do outro, só se torna possível em virtude do bem individual, do bem daquele que pratica a reação automática. Por outro lado, não coloco minha mão no fogo por isso: admitir que algo abrange tudo é meio suspeito para mim (e é também por isso que sempre olhei com desconfianças para a doutrina da vontade de poder de Nietzsche); daí, afirmar que toda ação humana é dirigida para o próprio “Eu” é sempre duvidoso aos meus olhos embora não negue que seja assim.

** 13 de maio de 2007 **

Estamos no final do dia das mães. Comprei um presente para a minha e dei-lhe um abraço. Foi um dia feliz aqui em casa: todos unidos, minha mãe contente e satisfeita com a vida. Para mim também foi um bom dia, muito embora eu não goste desse tipo de data, do dia dos pais ou dia das mães, porquanto, no fundo, eu não os amo ou pelo menos o amor que tenho por eles é frágil. Isso me deixa entristecido em certos instantes, pois tenho que manifestar um sentimento que não tenho para deixar minha mãe um pouco mais contente; e também porque sei que essa minha falta de amor é o resultado de certo desprezo deles para comigo em minha infância: queria amá-los e assim ser mais feliz, mas sei que não existe relação causal entre esse amor e a felicidade, ou seja, ambos são efeitos de uma causa anterior, de algo inalcançável para mim e que não pode ser mais mudado — em suma, terei que conviver com isso.

Aproveitando o ensejo, como acabei de falar de dois efeitos que não têm relação causal, lembrei-me de um outro escrito meu, no qual não

consegui clarear uma determinada idéia. Como não gosto de alterar o que já escrevi, e neste caso tenho bons motivos, farei esse esclarecimento aqui. A idéia é esta:

“Pessoas sonhadoras e imaginativas, em geral, sentem-se sozinhas, e muitas vezes é mesmo possível medir a solidão de uma pessoa considerando apenas a sua capacidade de criar histórias imaginativas. Não é só isso: boa parte dos poetas, filósofos, romancistas, músicos, fazem parte desse grupo de pessoas, no qual também me encaixo parcialmente. Todavia, Elisa, se você mesma me diz: ‘Então, Pedro, a saúde psíquica consiste em vivermos o máximo possível a realidade; e todas essas pessoas — poetas, filósofos, etc. — são pessoas desequilibradas: é preciso viver conscientemente’. Aparentemente, tais palavras têm coerência. Por outro lado, a aparência nos diz que em muitos casos uma pessoa é sonhadora (cria uma identidade ilusória) porque sente-se sozinho (observe que faço distinção entre sentir-se sozinho e ser sozinho), ou seja, pressupõe-se a solidão como uma causa da imaginação ou da vivência no “irrealismo”; ou ainda, andando um pouco mais, imagina-se que o desequilíbrio causa a solidão e esta, por sua vez, causa a crise de identidade (estou impondo um sentido próprio para esses termos). Entretanto, em alguns casos, a solidão é que é o ‘desequilíbrio’, e, portanto, não é um efeito do mesmo. Para tentar desanuviar: assim como é da natureza de uma pessoa baixa ter a perna pequena, assim também é da natureza de certas pessoas sentirem-se sozinhas e serem imaginativas e melancólicas, sem isso necessariamente denotar uma falha da pessoa ou que ela seja desequilibrada”.

Neste último trecho, eu quis dizer apenas que temos dois efeitos que não mantêm relação de causa e efeito entre si. Por exemplo, no caso da pessoa baixa, uma mulher pequena não tem uma perna pequena por causa de sua pequenez, e tampouco é pequena por causa da pequenez de sua perna: a perna pequena e a pequenez da pessoa podem até parecer que têm uma relação de causa e efeito, mas não têm, sendo isso apenas uma aparência, quando existe a aparência; o mais correto é pensarmos que, aqui, temos dois efeitos de uma mesma causa, isto é, que a perna pequena e sua pequenez são dois efeitos da, por exemplo, genética de uma determinada pessoa. Dessa forma, embora a pequenez de uma

mulher seja uma condição necessária (necessária na grande maioria dos casos) para que sua perna seja pequena, tal pequenez não é a causa do tamanho pequeno de sua perna. Segundo o que quis expressar, o mesmo ocorre no outro caso: o sentimento de solidão e a imaginação são também dois efeitos de uma mesma causa (como deixei claro acima, em alguns casos apenas); e aí como encontramos os dois numa mesma pessoa e ambos parecem manter uma relação entre si, tendemos a pensar que um é efeito do outro, o que não ocorre, a despeito da aparência, em muitos casos.

Rapidinhas: as pressões sobre o papa

Muitas pessoas condenam a conduta do papa porque ele mantém algumas idéias supostamente retrógradadas, que não se encaixam mais em nossa época: a condenação ao uso da camisinha, por exemplo, que o papa Bento XVI sempre faz e reitera, é motivo de sua própria condenação em muitos meios. No entanto, desta vez tenho que ficar do lado da Igreja: a Bíblia, para ela, é um livro sagrado, uma revelação divina que contém “a” verdade e não “uma” verdade: historicamente, portanto, essa verdade não vai sofrer alterações, não precisará se adaptar às atuais condições do mundo, como sempre ocorre com o outro tipo de verdade. Logo, se a Bíblia diz que o sexo é para ser praticado só depois do casamento e sem o uso de preservativo (supondo que ela realmente diz isso, mesmo que indiretamente para o caso da camisinha — isso, parece-me, é meio interpretativo: alguns cristãos dizem que o sexo é só para a procriação — neste caso, o uso da camisinha é condenável; outros, porém, dizem que o sexo é também para o prazer — citam Salomão para *comprovar* isso —, e, neste caso, o uso da camisinha depois do casamento não seria condenável; o que realmente a Bíblia diz ou deixa de dizer, isso não é problema meu — daquele conjunto de livros, só gosto do Eclesiastes e das mentiras do Gênesis), enfim, se a Bíblia diz isso e se para a Igreja o que ela diz é uma verdade atemporal, o papa deve seguir à risca as suas orientações e sem dar ouvidos à choradeira da mídia, do povo, dos presidentes ou dos gays.

* 15 de maio de 2007 *

Um “excelente” argumento

Fizeram uma pesquisa e com seu resultado *quiseram* concluir que o sentimento de solidão é genético. Um psiquiatra, então, comentando a tese levantada, disse: “*Eu não posso acreditar que a solidão seja genética, pois, se assim for, como poderemos tratá-la?*”.

O povo e seu pensamento rigoroso e preciso

Um jovem disse: “*Já que sou ciumento, eu não namoraria com uma atriz*”; e assim o respondeu uma jovem que escutou e que estava próxima dele: “*Como você é preconceituoso!*”.

A inteligência de nossas apresentadoras

A diferença entre Adriane Galisteu e Luciana Gimenez é esta: enquanto Adriane Galisteu ainda tem em sua mente um certo ar, um vento frio e que sopra devagar, Luciana Gimenez tem um vácuo, um grande vácuo.

Augusto Cury

Sempre que penso em Augusto Cury, vem à minha mente a imagem de um homem submisso: por que será?

* 17 de maio de 2007 *

O Google Earth e a evolução da informática

Desde pequeno, eu tenho acesso ao computador: na época, há vários anos, meu pai ia comprar um para o meu irmão mais velho, e comprou (naquele tempo, tratava-se de um dos melhores computadores do mercado): 386, HD de aproximadamente 512 MB, 4 MB de RAM, vídeo colorido com 16 cores e processador de aproximadamente 166 Mhz. De lá para cá, como se evidencia claramente, muitas e muitas coisas mudaram, e eu acompanhei parte dessa mudança. Foram mudanças absurdas, principalmente no *hardware* e em alguns programas, em especial nos jogos e nos programas gráficos.

Antigamente, não existiam, por exemplo, jogos em 3D: os clássicos de minha época eram jogos em duas dimensões, incluindo os games de luta, os clássicos *Mortal Kombat* e *Street Fighter*. Atualmente, por outro lado e em virtude do grande poder de processamento gráfico das máquinas, os jogos 3D estão atingindo um nível de realismo incrível, deixando-nos a impressão de que a evolução já está chegando à sua crista (o que é uma ilusão).

E que dizer da Internet e de suas possibilidades? São muitas, mas quero falar do *Google Earth*. Trata-se de um excelente programa e de um projeto audacioso que vem dando certo: fazer um mapeamento do globo e possibilitar que qualquer pessoa possa explorá-lo de qualquer lugar, usando para isso primordialmente a Internet e fotos de satélite — não é um projeto para qualquer um realizar. E daqui a alguns anos, se tudo caminhar como vem caminhando, o *Google Earth* pode se transformar em um programa fantástico, com todo o relevo da Terra e com as principais cidades do mundo em 3D; e o que sobrar, as pequenas cidades e os lugares esquecidos, pode muito bem ser preenchido com fotos de alta resolução, o que atualmente falta em muitos lugares do planeta no *Google Earth*.

* 18 de maio de 2007 *

Aos depressivos

Quando temos uma auto-estima muito baixa e não conseguimos afetar os outros *positivamente*, isto é, com aquilo que é, em nós, uma qualidade, então, se formos também carentes e solitários, procuraremos intensamente afetar os outros por meio da compaixão, a única arma que nos restou: é a origem da pena de si mesmo em muitos depressivos.

Aquele que tolera

A grande indulgência para com os outros é fruto de um grande desprezo em relação a esses outros. Para isso, faz-se necessário que tenhamos nós mesmos em grande conta, que sejamos felizes o bastante para desprezarmos os outros, desprezo este que não pode ser visto como uma

forma de desrespeito ou ódio ou rancor, mas como um fruto sadio do nosso olhar que está sempre em cima de nós mesmos. Trata-se do homem feliz que, por ser feliz, não se deixa afetar negativamente pelos outros, perdendo-os no momento mesmo em que cometem os seus deslizes.

* 21 de maio de 2007 *

Agora há pouco vi Carla passando e indo para o trabalho: sempre muito charmosa aquela morena lindíssima (tenho uma queda por morenas). Carla faz parte de um dos *acazos* felizes e tristes de minha vida — não foi inteiramente um *acaso*: estava sem passe e sem dinheiro para o ônibus, então fui caminhando para o centro comprar os passes; era dia de chuva e, em certo momento, olhei para trás, que foi quando avistei Carla também indo para o centro de pés e sem guarda-chuva; daí, eu comecei a manear o passo até que Carla me acompanhou e eu ofereci carona para ela em meu guarda-chuva: e assim nos conhecemos. No ano seguinte a isso, se não estou enganado, fiz o vestibular para Filosofia, e dois anos depois estava eu, apenas na sexta-feira, indo com Carla para a faculdade: foi aqui que nossa relação se aprofundou um pouco mais. E para ser sincero, se eu não tivesse a companhia dela para ir para aquele curso, imagino que teria desistido dele há muito tempo (fiz isso há um mês: Carla mudou de curso e não nos víamos mais, hahahaha).

Schopenhauer e suas contradições

Ele fazia uma certa apologia ao gênio e considerava-se um gênio. Dizia que a criança, o novo filho herda o intelecto da mãe e a vontade, do pai. Por outro lado, e já se contradizendo, afirmava que, na mulher, não existe nada de gênio, ou que a mulher com intelecto genial não existe. Como? E de onde vem a genialidade da criança, do menino homem, daquele que ele tanto prezava?

A filosofia de Spinoza e as dificuldades que a rodeiam

Recomendo, para o caso de estarmos tendo dificuldades na compreensão de algum livro, uma pequena folheada na *Ética*, não longa

e envolvendo muitas folhas, mas apenas uma leitura rápida de duas ou três páginas. Depois desse pequeno exercício, quando retornarmos ao livro com o qual estávamos tendo dificuldades, é indubitável que a sensação de que alguma coisa mudou estará presente em nós: parecer-nos-á um escrito novo e, sobretudo, de mais fácil compreensão!

* 22 de maio de 2007 *

Os livros de auto-ajuda

Alguns afirmam que os livros de auto-ajuda só ajudam os seus autores, e assim o é, fazendo-se algumas ressalvas, realmente. E por que isso tem que ser assim? Primeiro: os organismos têm que ter a capacidade *em si* de se transformarem e se ajudarem a si mesmos e de acordo com suas próprias necessidades, pois, em caso contrário, seriam dispostos de tal forma que sua sobrevivência estaria inteiramente nas mãos de agentes externos, e assim logo sucumbiriam. Segundo: o saber consciente sem a vontade, sem o instinto e o desejo de mudança é como uma semente sem terra para plantar, isto é, algo inerte que quando figura como causa é apenas indiretamente, bastante indiretamente. Decorre disso: terceiro: os conselhos só têm algum efeito em uma determinada pessoa se esta já estiver predisposta à mudança, ou ainda, se a mudança já estiver presente nela. No melhor dos casos, portanto, um livro de auto-ajuda pode dar um pequeno empurrão em uma pessoa que já está andando — não pode fazê-la andar.

Mostrando como, a partir do cristianismo, se chegar a um panteísmo

Em certo momento, brinquei com Raquel e escrevi isto para ela:

Proposição I: Todo o universo faz parte de Deus.

Prova: Suponha que o universo não faça parte de Deus; neste caso, haveria algo que Deus não é, ou ainda, Deus estaria sendo limitado por algo. Ora, deus é infinito e portanto a conjectura anterior é absurda. Logo, o universo faz parte de Deus.

Proposição II: O universo é eterno, ou, em outras palavras, ele nunca foi criado.

Prova: O universo faz parte de Deus (proposição I) e Deus é infinito. Suponha agora que o universo não seja eterno; nestes termos, temos que uma parte de Deus (universo) é efêmera, isto é, neste ou naquele momento deixou de ou passou a existir. Ora, mas neste caso Deus deixou de ser infinito, o que é absurdo. Portanto, o universo é eterno.

Corolário: O criacionismo primitivo não é válido.

Proposição III: O universo é infinito.

Prova: O universo é eterno (proposição anterior), isto é, nada pode destruí-lo. Por outro lado, qualquer coisa pode ser destruída se existe algo exterior a ela; ou seja, nada existe que seja exterior ao universo. Logo, ele é infinito.

Proposição IV: Deus não transcende o universo e o universo não transcende Deus.

Prova: Deus e o universo são infinitos, isto é, um não pode limitar o outro, ou ainda, um não pode ultrapassar o outro no que diz respeito à infinitude. Portanto, um não transcende o outro.

Corolário: O espiritismo é absurdo.

Proposição V: Deus e o universo são uma e a mesma coisa.

Prova: Deus não transcende o universo e o universo não transcende Deus (proposição IV), isto é, Deus não é englobado pelo universo e o universo não é englobado por Deus. Além disso, o universo faz parte de Deus (proposição I); ou seja, Deus é o universo.

Outra prova: Considere dois olhos verdes. Ora, eles fazem parte do universo e, por conseguinte, também de Deus (proposição I); o mesmo vale para qualquer outro ser do universo, isto é, o universo está contido em Deus. Agora, peguemos qualquer parte de Deus; como o universo é infinito, ele contém esta parte, isto é, Deus está contido no universo. Logo, Deus é o universo.

(Final).

Depois de assim escrever, pedi para que ela encontrasse falhas na *argumentação*... Já em relação ao que eu escrevi, um exame mais detalhado mostra que o texto, mesmo a partir de uma perspectiva puramente metafísica e de uma lógica secundária, é carregado de falhas e até absurdo em certos aspectos. Apesar disso, no entanto, de fato, Deus é o universo!

** 23 de maio de 2007 **

Por que os ideais de Paulo Freire não me seduzem

O combate à injustiça feito por Paulo Freire esconde algo: seus ideais são couraçados e protegidos por falsas virtudes, ilusões e ideais fantasiosos que não expressam verdadeiramente o real íntimo daquele grande pensador. A sua luta, a luta pelos *injustiçados* e *miseráveis*, nada mais foi do que apenas mais uma luta pelo poder, que, em virtude de instintos de autodefesa, foi mascarada e com isso ganhou uma aparência mais cortês e uma feição, exagerando um pouco, genuína e com ares de grande virtude.

Por que os ideais utópicos me decepcionam

Eles me decepcionam porque, além de seu ponto de partida ser ilusório, o seu ponto de chegada simplesmente não existe. Portanto, temos aqui um erro duplo.

** 24 de maio de 2007 **

A defesa de um pensamento

Estava, há algumas semanas, lendo alguns tópicos numa comunidade na Internet sobre Schopenhauer. Um dos membros então lançou a pergunta: *ele* era pessimista? A maior parte respondeu negativamente, que na verdade ele era realista. Esse comportamento, principalmente

entre aqueles que gostam de um determinado autor, é bastante natural, e essencialmente por dois motivos: quem gosta do pensamento de um autor vai procurar, em nome desse gosto e desse amor, defendê-lo contra desqualificações ou críticas (e a caracterização de “pessimista” é entendida como uma crítica); além disso, a afeição pelo pensamento de um autor é oriunda de uma identidade entre o autor e aquele no qual a afeição se faz presente; ou seja, defender o pensamento do autor é, na verdade, defender-se a si mesmo.

Tão inteligente!

— Ele é tão inteligente!

— Por que você pensa assim?

— Ah, não sei... É que ele é tão parecido comigo.

* 27 de maio de 2007 *

Quem sou eu e quem és tu

Como o que há são apenas percepções diversas, interpretações variadas, a pergunta *quem sou eu?*, quando almeja conseguir uma resposta que mostre o objeto que está em jogo como realmente ele é, perde o sentido, pois uma tal resposta é impossível, assim também como o é a existência de uma pergunta cuja resposta inexistente.

A realidade que vemos

Só dizemos que algo está distorcido se tivermos outro algo para comparar: é da comparação com este último que a qualificação daquele primeiro deriva. E no caso em que não temos um parâmetro? Simples: o uso do adjetivo “distorcido”, neste caso, perde o sentido. Por exemplo: da realidade só fazemos interpretações, e simplesmente não existe uma coisa da qual se possa dizer: é o que existe de fato, é o que é e como é, ou seja, é uma concepção que representa a própria realidade — isto é, ninguém distorce a realidade. Em outras palavras: como todo mundo *distorce* a realidade e não poderia ser de outro modo, então na verdade

não existe distorção alguma. — Para a maior parte das pessoas, entretanto, que trabalha com padronizações superficiais e imprecisas e que ainda, além disso, acredita que as suas concepções grosseiras são o que há de mais refinado e verdadeiro, falar em distorção, conhecimento de si mesmo, do outro e da vida, tem todo um sentido especial e que torna possível a conversação e o entendimento entre elas mesmas: da mesma forma que os peixes têm que viver na água e nós, na terra, os seres superficiais têm que viver no seu habitat natural, no superficial, pois a vida os abandona em caso contrário.

À terapeuta à qual me dirigi

Eu disse a ela: “Gostaria que você fosse mais silenciosa”. Respondeu-me: “Esse é o meu jeito, eu não posso ser diferente”. Como? Então é o paciente que tem que se adaptar ao terapeuta? São os alunos que têm que se adaptar aos professores?

** 02 de junho de 2007 **

Eu estava esperando ser chamado agora no meio do ano para ensinar no Estado, mas, pelo que vejo, só serei chamado no final do ano. E este caso é até curioso: fiz o concurso quando eu estava no terceiro ano do curso de Matemática: não estudei e não imaginava que pudesse ser aprovado (sabia também que, mesmo que isso ocorresse, já que não tinha diploma, eu perderia a vaga). Mesmo assim, eu fui aprovado, o governo não me chamou logo, e deu tudo certo para mim (nem tudo: gostaria de ter sido chamado no início deste ano). Enfim, pelo menos ganho um tempinho extra para terminar um dos meus livros, *Os Fundamentos da Educação*, pois quero terminá-lo pouco antes de começar a ensinar (na verdade, mesmo tendo começado a concebê-lo em dezembro do ano passado, o livro já está praticamente pronto desde março).

...

Ontem começou o São João por aqui. Hoje é sábado e ainda não fui por lá. Deixando de contemplar as fogueiras e toda aquela fumaça que a

mim incomoda, é uma época boa. E mesmo as fogueiras é algo divertido: é que já sofri de TOC e ainda tenho uma certa mania de limpeza: a fumaça me incomoda por isso, porque deixa tudo com um cheiro horrível. Mas é suportável, o clima é bom, e amanhã pretendo senti-lo mais de perto (se não chover como hoje).

** 4 de junho de 2007 **

Ainda agora, o meu tio, que é alcoólatra e que tem os dias contados (talvez não passe de hoje), teve uma parada cardíaca séria. Ele teve *sorte*, no entanto, pois foi acudido com rapidez por nós: se fosse um homem muito solitário, já teria morrido, sem ver ninguém, sem se despedir de ninguém, na grande tristeza que é a solidão. Foi para o hospital em coma e, sinceramente, não acredito mais em sua melhora (se o organismo dele conseguir amanhecer vivo, penso até que tem boa chance de escapar da morte desta vez). Enfim, é lamentável porque é um homem razoavelmente jovem (42 anos) e que foi se matando aos poucos, gradativamente com o álcool; em outro caso, se ele tivesse um mínimo de cuidados consigo mesmo, certamente que estaria vivo e bem vivo, já que o corpo humano é feito para durar muito e para agüentar muitas agressões (já notaram que o corpo humano cuida de si mesmo praticamente sozinho, sem a *nossa* intervenção; nós, por outro lado, que deveríamos ajudá-lo com algum esporte e uma alimentação boa, o que, diga-se, não é difícil, sequer fazemos isso! Lamentável que a vida tenha perdido tanto o seu valor! Eu mesmo a desvalorizo, no fundo eu sou um grande pessimista!).

Uma outra coisa é que, sempre que vejo a morte mais de perto, começo a pensar sobre a minha vida (como é natural), se ela valeu a pena ou não. E se eu estivesse prestes a morrer: será que me lamentaria muito por todas as coisas que desejei e que nunca consegui? Quem sabe, não é. O que realmente eu sei é que minha vida não foi como realmente gostaria que ela tivesse sido: alguma coisa faltou, falta; eu nunca fui verdadeiramente feliz, sempre fui depressivo desde cedo, nunca tive um amigo do peito ou uma namorada que eu gostasse e que gostasse de mim... Às vezes também, conquanto tenha muito medo da morte, eu a desejo: o pensamento de suicídio é, em mim, um hábito antigo.

Porém, deixemos de falar dessas coisas sombrias. O medo da morte é natural, a morte é natural, uma releitura de nossa vida provocada por alguns acontecimentos é natural: e daí? Será que, mesmo eu que me lamento, nunca tive momentos bons em minha vida? Será que nunca tive o doce sabor de uma conversa afetuosa com uma amiga? Será que nunca me senti amado e nunca ameii em algum momento? Mas é claro que já experimentei todas essas coisas, é claro que minha vida não é um completo fracasso. Viva a vida! Vivam a vida!

** 07 de junho de 2007 **

O meu tio escapou da morte desta vez e... Já está bebendo novamente! É o típico caso de um homem que foi vencido pela droga: seu organismo e sua consciência não oferecem mais resistência, a sua vontade de viver foi destruída. Que fazer numa situação dessas? Não há o que fazer.

A memória de uma coisa também a constitui

Eu estava olhando, outro dia, uma imagem antiga que montei no 3d Studio e na qual coloquei o seguinte pensamento: “A memória de uma coisa também a constitui”. Pareceu-me que eu havia me expressado mal, pois o pensamento ficou dúbio já que o termo “memória” pode significar tanto uma lembrança como uma capacidade de alguns seres vivos (a capacidade de reter). E aí pensei, pensei, pensei, e fiquei na dúvida se realmente o que eu queria expressar era mesmo isto: “A lembrança que temos de alguma coisa também faz parte dela”.

O primeiro pensamento (“A memória de uma coisa também a constitui”) é muito evidente e não diz nada que o senso comum já não saiba: é evidente que a minha memória, a capacidade que tenho de reter as coisas, faz parte de mim — este foi o motivo responsável pela conclusão a que cheguei, ou seja, a de que a minha forma de expressão tornou o pensamento ambíguo. Já o segundo pensamento, o que eu imagino ter querido expressar com aquela frase, ficou confuso e só posso encontrar um significado para ele: a existência de uma coisa é posta para nós pela percepção que temos dessa coisa, isto é, ela apenas

existe em nós mesmos e, conseqüentemente, tudo o que há em nós e influi nossa percepção em relação a ela, faz parte dela.

A coisa-em-si

Certo: tudo é interpretação e estas não existiriam sem os seres que interpretam, sem nós; mas, supondo que nós existíssemos, haveria interpretação sem aquilo que deveria ser interpretado? *A coisa-em-si* ainda me deixa cismado: estou pensando em retirar o aforismo onde nego a existência dela, dessa “coisa”.

* 14 de junho de 2007 *

Luiz Gasparetto

O Gasparetto causa algum ódio e inveja em alguns profissionais: os psicólogos e os psiquiatras encabeçam a lista — muitos deles que vêm, já faz bastante tempo, tentando levantar a cortina para desmistificar um pouco mais a cultura e destruir muitas crenças advindas do populacho: então, quando contemplam o Gasparetto, novamente pensam: “O povo novamente colocando um místico enganador no palco e o aplaudindo: como fica a nossa profissão se as pessoas preferem acreditar em um palhaço do que nas últimas descobertas das mais recentes pesquisas?”. No entanto, o Gasparetto tem os seus méritos.

Trata-se de um homem de grande inteligência e que realmente tem muito a ensinar ao povo. A sua forte insistência no caráter transformador e no homem em si como força capaz de mudar, sozinho, o seu destino, buscando assim a sua felicidade, é digna de méritos, principalmente por ser realizada em um país onde, muitas vezes, a mídia prega a hipocrisia do “ajude ao próximo” como solução para todas as coisas. Além disso, ele tem muito carisma e uma espiritualidade forte e deleitosa, tendo também se posicionado de um modo singular e bastante interessante em relação à psicologia e à própria ciência: considera a psicologia tradicional ultrapassada por desprezar muitos outros aspectos da existência (como a reencarnação), ou seja, é materialista e se tornou vazia; quanto à

ciência, abandonou-a e partiu para uma caminhada independente: livrou-se dos seus grilhões para tentar se alçar para um plano mais longínquo (o *desprezo* da ciência em relação a ele foi um dos grandes causadores dessa sua atitude).

Por outro lado, existem muitas falhas em sua conduta enquanto profissional: no seu programa da TV, por exemplo, em sua tentativa de dar apressadamente uma solução para o caso ou mesmo de descobrir o que *é* o caso, isto é, em seu tratamento de choque, ele não proporciona que as pessoas se conheçam a si mesmas de forma profunda (pois isto requer tempo e reflexão), emite muitos juízos de valores sobre as pessoas (julga em demasia), e ainda, como quase todos os psicólogos e psiquiatras, apresenta um ponto de vista ridiculamente superficial acerca de algumas questões (afirma, por exemplo, fazendo uma generalização leviana, que a perda de sentido da vida e o pensamento de suicídio vem de uma auto-estima baixa). Ademais, o nosso querido apresentador e aconselhador é sim um místico: se movimenta em cima da intuição e do sentimento, admite postulados que são passíveis de críticas severas, não tenta dar qualquer tipo de explicação científica às suas teses, etc. Corre o risco também de ser um charlatão: talvez seja um enganador (o que não acredito: conseguiu chegar muito longe e apresenta uma força potente — esta última é incompatível com a força fraca oriunda da enganação e da pouca inteligência).

O peso da religião

Algumas pessoas religiosas, que vivem numa religião por muito tempo e que seguem os seus preceitos, adquirem um ar pesado e pouco natural, alguma coisa pouco espiritual e muito robótica: é que as suas leis são incompatíveis com as leis da religião que seguem, elas vivem numa guerra oculta contra si mesmas e tudo aquilo que há de bom nelas vai sendo destruído por essa guerra — no final de suas vidas, tornam-se zumbis, e a grande satisfação que se lhes apresenta é a do “dever cumprido”.

* 15 de junho de 2007 *

Do ato de escrever e de sua relação com o despojamento das idéias

A escrita, para mim, serve também para esvaziar a mente: sempre que tenho uma idéia, para que não fuja, sinto a necessidade de *capturá-la* logo: de cercá-la, prendê-la e eternizá-la. Depois da captura, a idéia passa a ter uma menor importância para mim: sai da consciência da consciência e vai para um segundo plano, para um lugar de menos evidência e um pouco afastado dos olhos de minha atenção — em suma: desocupa um lugar que logo será ocupado por outra idéia.

E no caso em que eu não consiga capturar a idéia? Às vezes, por exemplo, quando vou dormir, algumas idéias me assaltam e eu não as prendo: nestes casos, se a idéia não for muito marcante, indubitavelmente eu a perco, e, na maioria das vezes, para sempre.

É assim, pois, que funciona o fluxo das idéias em minha mente, e uma das conseqüências disso é que, quando passo a vista por muitos de meus escritos de outrora, aqueles pensamentos, muitas vezes, parecem-me estranhos: por um instante chego mesmo a duvidar se saíram realmente de minha mente.

Da independência da mulher

Antigamente as mulheres dependiam financeiramente dos homens; hoje, em virtude de uma maior igualdade e de oportunidades mais bem distribuídas, muitas delas podem bancar-se a si mesmas: ganharam a denominação de “mulheres independentes”, e estão convencidas de que realmente são independentes. Porém, para este caso, o termo “independência” não pode significar apenas uma mera autonomia financeira: deve significar, sobretudo, a posição e o modo de interpretar e viver daquele ou daquela que toma uma posição própria e original em relação à sociedade e à cultura — a independência de uma mulher não está em uma condição externa variável, mas em seu espírito.

* 18 de junho de 2007 *

Pergunta imbecil

A — Por que você escuta esse tipo de música? Você gosta disso?

B — Não: é que eu sou masoquista!

Para uma contribuição ao ceticismo

Algumas respostas, mesmo já sendo procuradas há centenas de anos, ainda não foram encontradas. As perguntas: “*existe a liberdade? Em um dado momento do tempo, houve o nada, ou a natureza é eterna, ou é alguma outra coisa? Existe vida após a morte? Existe um deus que é distinto do universo? O universo é infinito?*” continuam sem resposta. Uma maneira de justificar isso é afirmando que a compreensão humana é limitada, ou ainda, de forma mais elaborada e não admitindo a possibilidade de êxito, afirmando que, como apenas faço parte da natureza, então nunca poderei realmente saber o que ela é (de forma idêntica, poderei sustentar que nunca saberei o que venha a ser a minha consciência, pois tal resposta deveria ser dada pela própria consciência). No entanto, esta última reflexão abre o caminho para uma outra reflexão e a deixa em plena evidência: se é impossível darmos uma resposta a essas perguntas, isto significa que, na verdade, elas não são perguntas, mas um *caminho* inadequado pelo qual adentramos.

O grande problema que se coloca agora é: o que significa esse *caminho*? Que *caminho* foi esse? Por que ele teve que existir? Poderia ter sido de outra forma? E se o ser humano foi alguma coisa que não deu certo? Um erro? Um efeito colateral? Um bug?

Mesmo admitindo a possibilidade de que poderá ter havido um erro considerável na construção do nosso mundo interior, construção esta realizada por nós mesmos e pela natureza, existe uma outra explicação para isso, uma outra forma de tentar elucidar o que tenha sido (ou o que é) este *caminho*: não foi um desvio, nem uma ilusão, tampouco uma construção equivocada — foi uma, como direi?, “escolha” arquitetural, e todos os supostos problemas que emanam desse modelo têm sua razão de ser em uma espécie de incompatibilidade, ou em algo que posso

denominar de “fora de posição”. Assim, por exemplo, o questionamento “*O universo é infinito e é tudo o que há?*” é incompatível com o mundo humano, está fora de posição, pois o nosso mundo, isto é, a nossa linguagem, a forma como pensamos, a nossa lógica, o nosso jeito epistêmico de ser, o nosso estado orgânico, etc., não admite tais questionamentos: trata-se de um mundo fechado tentando encontrar respostas para questões que, talvez, só podem ser encontradas por um mundo aberto (supondo que este possa existir) ou mesmo por um outro mundo fechado no qual tais questionamentos se encaixem (o mundo criado por uma nação de alienígenas, por exemplo, que pense de forma diferente, que tenha outros valores, e no qual é manifesto uma forma de percepção completamente distinta da nossa). Os únicos problemas que podemos responder são aqueles que estão encaixados no nosso mundo: pois só assim podemos dar uma resposta, e à nossa maneira, ou seja, de acordo com a nossa interpretação de tudo o que é. Evidentemente, em alguma época, ainda é possível que se consiga responder, também à nossa maneira, todos esses questionamentos — eu só espero que, se acaso isso ocorra, as pessoas da época não encham a boca e digam: “Finalmente, encontramos a verdade!”, pois aí também teríamos uma outra incompatibilidade.

Finalmente: por que tudo tem que ser assim? Ao sermos obrigados a viver a nossa vida inteira em uma casa no interior de um país (modelo arquitetural), não podemos responder a *pergunta*: “Qual a sensação de se caminhar na areia da praia em uma bela tarde na qual o pôr-do-sol se mostra exuberante e encantador?” (pergunta fora de posição e incompatível com o modelo): qual o porquê da existência de uma estrutura dessas? Chegando aqui, eu paro a minha caminhada: a minha “fê” não permite que eu continue caminhando para mais adiante.

Alguns religiosos

O que mais me irrita em alguns religiosos, principalmente naqueles onde o fanatismo está no sangue, é a sua falta de ceticismo e a sua crença de que estão de posse da verdade e de que todos os outros, aqueles que não pensam como eles, estão equivocados (coisas que *podem* ter uma ligação direta entre si): a falta de ceticismo os transforma em crianças; a crença de que estão com a verdade os faz

pessoas intransigentes e inconversáveis; e a tentativa de convencer os outros de que esses mesmos outros não têm razão os transforma em idiotas.

** 19 de junho de 2007 **

Aquele que é seguidor

Quando uma pessoa diz que segue esse ou aquele pensador, ou educador, ou doutrina, ou líder, pode-se dizer dela o seguinte: ou é muito nova, ou, se não é nova, é submissa. No caso em que ela é muito nova, tal atitude é facilmente explicada quando consideramos, nela, a presença da imaturidade (que também pode englobar uma certa submissão); além disso, existe a questão da formação da identidade nos mais jovens, que precisam de um ídolo, de um exemplo, de um pensamento alheio que tem força e que é aplaudido por muitos — criam uma identidade e *ganham* respeito seguindo os outros. Já no outro caso, ou seja, quando aquele jovem inseguro e imaturo envelhece e, ainda assim, continua como seguidor fervoroso de alguém ou de algo, a única coisa que se pode dizer dele é que é submisso (e também um pouco imaturo): não confia no poder da própria mente e por isso não desenvolve um pensamento próprio, um modo próprio de viver; gosta de receber ordens e precisa de uma religião ou doutrina que lhe fale imperativamente; é subjugado pela cultura e pela opinião alheia: é, no mínimo, um meio-escravo. Ademais (e ainda por cima), aquele que afirma “Eu penso como ele!” está expressando a sua má compreensão, pois nenhum pensamento é igual ao outro.

** 21 de junho de 2007 **

Algumas palavras acerca do egoísmo

Na nossa atual sociedade, uma pessoa é dita egoísta quando só pensa em si mesma, e muitas vezes em detrimento da situação de outrem. Por outro lado, uma meia dúzia de pessoas sustenta que toda ação é dirigida para o próprio “eu”: dessa forma, dizem, todo comportamento humano,

mesmo aquele onde há um suposto altruísmo, é guiado pelo egoísmo e é essencialmente egoísta. Existe aqui, porém, duas falhas: uma falha de comunicação e uma falha de interpretação. A falha de comunicação está no senso comum, pois expressa de forma bastante imprecisa uma idéia que, para ele mesmo, já é um pouco vaga: “Uma pessoa egoísta é aquela que pensa apenas em si mesma”, é o que dizem; “Uma pessoa egoísta é aquela na qual os sentimentos de prazer e satisfação se fazem presentes apenas naquelas atividades e ações onde o bem alheio não está, na maioria dos casos, englobado”, é o que querem e o que deveriam dizer. Já a falha de interpretação se manifesta naquelas pessoas que, partindo das meias palavras do senso comum e interpretando-as literalmente, afrontam este mesmo senso comum afirmando que, ao contrário do que se pensa, as ações altruístas não passam de ilusões: a falha de interpretação está no fato de que, conquanto não seja evidente em virtude da falha de comunicação, a visão do senso comum não nega que todas as ações de uma pessoa sejam dirigidas para ela mesma, para a sua própria satisfação — portanto, partem de uma concepção aparentemente equivocada, não conseguem perceber que o equívoco é apenas aparente, e daí tiram uma conclusão e a colocam em um pedestal, como se fosse a única conclusão possível e a mais geral de todas. Vejam também que a própria definição (ou conceito) de “egoísmo” ou “egocentrismo” abre espaço para uma interpretação equivocada, tendo um reflexo principalmente no que concerne ao uso dos termos (é que muitas definições, como são o reflexo do saber popular, carregam também os seus erros e sua superficialidade): é preciso mergulhar nela para fazer emergir o seu verdadeiro significado.

** 02 de julho de 2007 **

A energia de ligação

Quando existe uma ligação muito forte entre duas pessoas de maneira que, quando uma está mal, a outra também assim o fica, uma das partes tem que quebrar o elo: dessa forma, ambas sairão ganhando, porquanto, seja por uma carência espiritual ou condição psíquica, o mal-estar de uma é alimentado pelo mal-estar da outra. Por outro lado, se o elo for quebrado e passar a inexistir, como o desfalecimento de uma das

peças não afetará a outra pessoa, esta última, então, poderá levar mais luz para a primeira.

A anulação do meu fracasso

Devemos agir com esmero e atenção: não são apenas os pais que podem nos incumbir de realizarmos os seus sonhos — um irmão ou um amigo podem realizar esse papel.

* 03 de julho de 2007 *

O pensar do sentimento

Ao sermos arrebatados por um sentimento muito potente, o nosso pensamento passa a receber uma influência descomunal desse sentimento: é como se ele passasse a pensar por nós. Com isso, enquanto estamos sob o efeito de um sentimento muito forte, é muito difícil conseguirmos compreendê-lo, pois o nosso pensamento não consegue se livrar dele, não consegue *olhar* para ele.

O falar e o agir

Algumas pessoas imaginam que as causas de uma “fala”, de uma opinião ou tese sempre são as mesmas que induzem o comportamento em uma determinada situação — por exemplo: pensam que é contraditório uma pessoa afirmar que considera o homossexualismo uma coisa natural e, no entanto, não admitir que um de seus filhos seja gay. Mas as causas são distintas em boa parte dos casos: posso admitir, depois de uma análise realizada, a naturalidade do homossexualismo e, ao mesmo tempo, ter consciência de que, quando contemplamos a sociedade e o seu modo de agir, o meu filho será prejudicado por ser homossexual; além disso, teremos também a questão da vergonha frente aos outros, que será quase que inevitável neste caso (lembramos que o ser humano é um ser social e que, portanto, precisa dos outros, precisa ser aprovado pelos outros para obter os seus benefícios).

** 04 de julho de 2007 **

A sobrevivência

Em determinadas situações da vida, nós temos que nos pôr acima da moral e da ética: são aquelas situações onde a nossa sobrevivência depende disso, e, neste caso, tal atitude não apenas é aceitável como necessária. Por outro lado, sempre que vejo uma pessoa atropelar os preceitos de uma determinada cultura ou moral por causa de um motivo qualquer, por causa do dinheiro, por exemplo, passo a contemplá-la com muita desconfiança: é assim que acontece, por exemplo, quando leio a notícia de que uma determinada mulher aceitou o convite de uma revista masculina e vai posar nua — o ato de posar nua não é um crime, mas é algo que, de certa forma, a cultura condena, e quem o pratica sabe disso.

** 13 de julho de 2007 **

A imagem dos pais

Desde a infância, os filhos formam uma determinada imagem dos pais, e na dependência de tal imagem estão um conjunto de reações e ações, boas ou más, e que muitas vezes determinam o destino dos filhos.

** 14 de julho de 2007 **

A interpretação do evangelho e seus efeitos

Certas pessoas, depois de caminharem inclinadas e tortas durante um longo tempo, imergem no fracasso e na escuridão que sua conduta sempre atraiu: além da situação difícil e das humilhações que a escuridão lhe impõe, carregam muitas vezes o sentimento de fracasso, de culpa. Algumas igrejas evangélicas, então, com a sua mensagem “explícito-oculta”, com a sua conduta “inocente-maliciosa”, atraem essas pessoas, pois, além de se manifestarem como uma representação de uma outra sociedade, uma sociedade que pode ser acolhedora, elas trazem um remédio em seu discurso que mitiga a culpa: jogando a responsabilidade pelos seus erros em cima do “inimigo”, do “mal”,

aquele que se sente fracassado e culpado começa a se despojar de uma carga muito pesada, começa a lançar para fora de si aquele sentimento de culpa que tanto lhe apertara o coração antes de suas crises de desânimo — começa, enfim, a emergir da escuridão profunda em que sua vida estava mergulhada: passando a acreditar que não têm culpa, ele age como se não tivesse culpa e, no final das contas, se exime da culpa, ganhando dessa forma um novo fôlego para viver no bem e para viver bem — ou para errar e tropeçar novamente.

Os erros nossos de cada dia

Nós erramos freqüentemente, mas freqüentemente também nos esquecemos dos nossos erros; nós mentimos com freqüência, e com freqüência também nos esquecemos de nossa palavra sem valor — em ambos os casos, somos coagidos por um instinto: o de autodefesa. Mas por que costumamos notar essas mesmas falhas nos outros? Pelo mesmo motivo, pelo mesmo instinto.

** 18 de julho de 2007 **

Vantagens e desvantagens

“É mais fácil morrermos a caminho do aeroporto do que morrermos devido a um desastre de avião” — de acordo com os dados estatísticos, segundo sei, é a mais pura verdade. Não obstante, muitas vezes é preciso que nos acidentemos inúmeras vezes em um carro para que alguma coisa de grave realmente nos aconteça, e quando o pior acontece, poucas pessoas são vitimadas; já um avião, quando um deles cai ou bate em alguma coisa, dificilmente alguém escapa — e os vitimados, em alguns casos, são em número de centenas.

A ciência e o ateísmo

Com o advento de muitas teorias científicas que se opõem a teorias religiosas, alguns meios começaram a associar o ateísmo à ciência, o que se constitui um grave erro. A verdadeira ciência não nega a existência de deus (assim como não a admite).

O determinismo e a premonição

O desastre com o avião da TAM trouxe à minha mente lembranças do desastre com o avião que transportava os Mamonas Assassinas; junto com essa lembrança, veio uma outra reminiscência: a do sonho que teve o tecladista do grupo na véspera de sua morte. O que o sonho premonitório que ele teve pode nos dizer? Diz-nos que sua morte já estava prevista? Determinada? De fato, para se prever o futuro, faz-se necessário que esse futuro *já* exista, haja vista que a existência da previsão é posta e condicionada pela existência daquilo que é previsto. Dessa forma, admitindo que os sonhos premonitórios são autênticos, é plausível e quase necessário que também se admita a validade do determinismo. Posto e admitindo tudo isso (inclusive a autenticidade da premonição), fica ainda a grande pergunta: como essa previsão se daria? Será que se trataria de uma ruptura (uma quebra no tempo que possibilitaria a visão do objeto final de um conjunto complexo de encadeamentos de causas e efeitos)? Por esse prisma, pode-se muito bem dizer: há mais coisas por aqui!

No entanto, mudando o prisma, pode-se simplificar a situação falando em coincidência. Neste caso, todos os sonhos premonitórios e todas as previsões acertadas não são outra coisa senão uma mera coincidência, que, por envolver questões de cunho religioso e filosófico e ainda devido a uma determinada característica do nosso psiquismo (a não coincidência ocorre com uma freqüência elevadíssima a ponto de nunca pensarmos seriamente sobre ela e até de nunca termos consciência dela; então, quando a coincidência ocorre, em virtude da nossa falta de costume, ela nos marca), enfim, por tudo isso, a coincidência chama e desperta a nossa atenção com demasiada intensidade. Já aqui, podemos dizer: tudo é explicável!

Que cada um escolha o que quer afirmar.

** 19 de julho de 2007 **

A alguns alunos que freqüentam a faculdade de Psicologia

Era manhã... Ela então chegou a seu local de trabalho: um prédio de tamanho médio e com poucos adornos. Parou na frente da porta de sua sala, respirou um pouco, meneou a cabeça e finalmente abriu a porta, a porta de seu consultório, perpassando-a. Lá dentro, já quase se acomodando, viu-se frente a frente com um grande retrato posto na parede: era Viktor Frankl. Seus olhos quiseram marejar, o sorriso se manifestou e, em sua mente, ecoou o pensamento: “Mestre!” — Mestre? Digo-vos: enquanto vós se comportardes assim, enquanto adorardes e possuídes os vossos “mestres”, continuareis sendo servos, escravos, robôs programáveis que nunca terão autonomia.

A alguns alunos que freqüentam a faculdade de Filosofia

Vós pensais que o vosso curso tem como um dos objetivos verdadeiros a formação de um filósofo? De um pensador? Que ingênuu ingenuidade! Como? Como se pode ensinar a pensar? Como podereis receber um dom tão interior de um lugar ermo e tão exterior a vós (e ainda por cima freqüentado por pessoas vazias, por professores vazios)? Amigos, os milagres já cessaram há muito tempo...

A alguns alunos que freqüentam a faculdade de Matemática

Vós se achais tão espertos, não é mesmo? No fundo, porém, são ainda como crianças, como pré-adolescentes que, com a pouca visão terna de sua tenra idade, imaginam que já sabem de tudo, que já são superiores aos adultos. Então vós acreditais que existem esferas e fractais na natureza? Que os ângulos retos e as linhas retas fazem-se presentes nas construções arquitetônicas? Acreditais que a Matemática e suas leis representam uma verdade intorcível? Será que vós já ponderastes seriamente sobre todas essas coisas?

A gravidade e o caminhar

Se viajássemos para Júpiter, quando chegássemos lá, em virtude de uma força gravitacional muito intensa, possivelmente não poderíamos nem ficar de pé: teríamos que, de algum modo, reduzir aquela força atroz,

atenuar aquela pressão torturante que dentro de poucos instantes estaria esmagando os nossos ossos — só assim poderíamos ser como somos, só depois de nos livrarmos da pressão poderíamos caminhar novamente. Mas como abrandar o poder da força gravitacional de um planeta sobre nós? Por meio de uma mudança radical: um retorno à Terra (o nosso “estado” de origem) ou mesmo um grande afastamento.

** 20 de julho de 2007 **

O amor ao Eu

“Começamos por desaprender a amar os outros e acabamos por não encontrar em nós mesmos nada que seja digno de ser amado”, é o que Nietzsche escreveu. Já eu digo: começamos por desaprender a amar a nós mesmos e acabamos por não encontrar nos outros nada que seja digno de ser amado.

O limite que nos impede

Por mais simples que seja uma determinada idéia de uma pessoa, nós nunca conseguimos compreendê-la inteiramente: apenas nos mantemos distantes ou próximos disso.

** 22 de julho de 2007 **

O grande pensador

Muitos dos grandes pensadores da história só ganharam o seu merecido reconhecimento logo após morrerem ou depois ainda. Entre as causas disso, figura uma que é pouco comentada e que tem razoável importância: a falta de independência, de um modo geral, de quase todas as pessoas, que muitas vezes consideram isso ou aquilo como algo “bom”, “genial”, apenas porque os outros assim o fazem.

* 25 de julho de 2007 *

A grande virtude

“*A paciência é uma grande virtude!*” — em alguns casos, pode vir a ser um grande defeito.

As ilusões futuro-anacrônicas de uma época

A mulher, outrora e em muitos lugares, era vista como um ser muito inferior ao homem. Atualmente, muitos comentam a absurdidade disso e se perguntam como uma crença tão absurda pôde algum dia existir. Mas as crenças ridículas e absurdas sempre se fazem presentes em uma dada época, inclusive na nossa.

* 01 de agosto de 2007 *

A contemplação da vida

O que verdadeiramente importa não é o que a vida é, mas sim como os nossos olhos são.

O curso de Matemática e o gosto pela Matemática

Durante o curso de Matemática, principalmente no seu final, escutei alguns colegas dizendo que, para eles, o curso tinha subtraído da Matemática parte de seu encanto. Comigo se deu o contrário: no decorrer do curso, passei não só a gostar mais da Matemática como um novo mundo se abriu para mim, um mundo que, inclusive, trouxe consigo um conteúdo filosófico imenso. Mas por que será que isso se deu assim? Por que, em mim também, o encantamento pela matemática não foi abrandado? Porque, além de ser autodidata, eu sempre consegui separar, e de forma bastante satisfatória, os professores do curso que eles ministram — ou ainda, para me expressar com maior precisão e clareza: porque eu sempre desprezei os professores.

* 02 de agosto de 2007 *

A alguns alunos que freqüentam a faculdade de História

Quão grosseira é a vossa empolgação quando vista por olhos profundos e inquiridores! Oh! Vós deveis admitir: passar a vida toda estudando fatos que nunca sucederam, que só existem enquanto interpretação ou ilusão, tirar todo um sentido de vida daí e ainda por cima acreditar que está tomando posse dos fatos, daquilo que realmente ocorreu, é uma situação bastante triste e cômica — como um adulto no qual a sua criança interior ainda é muito forte e o seu Eu adulto não foi suficientemente impelido para se impor: sente prazer ainda em acreditar em Papai Noel e, o que é pior, muitas vezes necessitando dessa crença.

Um modo de viver

A minha natureza é daquelas que *prefere* viver no chão em companhia da desfortuna do que viver nas nuvens em companhia da alegria, daquela satisfação ingênua oriunda da contemplação de tudo o que é fantasioso e que, mesmo assim, satisfaz as nossas necessidades. Quem é suficientemente infeliz para seguir-me?

* 10 de agosto de 2007 *

Os professores, os alunos e as quatro suposições

Na grande maioria dos estabelecimentos de ensino, os professores ensinam algo que supõem saber. Os alunos, então, supõem que aprendem. Por fim, os professores supõem que ensinaram e, em alguns casos, supõem que os alunos aprenderam — temos, assim, quatro suposições falsas.

O eclipse da alma — o Sol, o andarilho

Quando não mais queremos contemplar o crepúsculo vespertino, e os pensamentos obscuros nos agradam, o que fazer? Sim, pois a luz do Sol não está chegando mais em nossa alma, não está fazendo-a resplandecer: que fazer? Será que devemos esperar pelo amanhã? Ou

devemos mergulhar na escuridão eterna? Quem é sábio o suficiente para dar uma resposta acertada a essa pergunta?

** 14 de agosto de 2007 **

O socialismo e a igualdade

Algumas mentes poderosas conseguem fazer um determinado tipo de transformação em um desenho, aplicando um efeito aqui e outro ali, colocando texturas em determinadas partes e aplicando efeitos de iluminação, de modo que, no final, aquele desenho passa a se assemelhar a uma foto, a algo real — no entanto, por mais que essas mentes se esforcem, o limiar entre a realidade e o desenho é intransponível, aliás, inatingível. Em essência, pois, o desenho continua a ser desenho.

** 20 de agosto de 2007 **

Os sonhos, parte 1

Os nossos sonhos mais profundos encontram-se encerrados numa espécie de “caixa-forte” do nosso ser, um lugar que nem mesmo as maiores transfigurações conseguem afetar com ímpeto. É por isso que os verdadeiros sonhos só morrem em uma única situação: quando são realizados.

Os sonhos, parte 2

A existência de determinados sonhos é posta e condicionada pela sua própria natureza, isto é, a natureza de sonho: quanto mais nos aproximamos de sua realização, mais o sonho ganha aparência de sonho, mais ele se distancia e esvaece, surgindo em nós uma triste decepção, pois percebemos intimamente que aquele sonho só poderá nos dar alguma satisfação enquanto sonho. Uma explicação bastante razoável para isso é que esse tipo de sonho, na verdade, embora nos pareça plausível, não mantém ligação alguma com a realidade, ou

melhor, refere-se a outra realidade. Quando então nos aproximamos dele, percebemos que ele é irrealizável, pois a realidade da qual tirou a sua existência é também irrealizável.

Os sonhos, parte 3

Boa parte dos nossos sonhos surge como um efeito de uma determinada constituição orgânica e espiritual. Depois é que eles passam a agir como causa, uma causa indireta.

* 29 de agosto de 2007 *

A amizade e a paixão

Duas grandes vantagens da amizade em relação à paixão: é menos possessiva e mais duradoura. Por ser menos possessiva, ela não se destrói a si mesma, e a nossa natureza pode se beneficiar das múltiplas amizades; por ser mais duradoura, ela traz, quando volteamos o nosso olhar pelo todo, muito mais sentido para a nossa vida do que qualquer sentimento efêmero, mesmo que este seja muito forte.

* 31 de agosto de 2007 *

A necessidade do altruísmo

O altruísta profundo, aquele que se prejudica a si mesmo e corta a própria pele para ajudar, age assim por necessidade: de elevar-se, de esconder alguma falha, de redimir-se, de vencer o passado, etc. Nele, depois de um ato “humanitário”, há apenas resquícios de um sentimento verdadeiro de prazer, daquele sentimento que emana das interações sociais sadias e que deve figurar apenas como um “algo a mais” em nossas vidas, um acréscimo, e não como o motor dela, não como aquilo que põe o sentido nela. A felicidade geral, pois, implicaria na morte de tal altruísta: é por isso que, no seu íntimo, ele sempre deseja o mal — e tal desejo é sufocado pela necessidade, aparece em sua consciência apenas parcialmente, muitas vezes mascarado ou desfigurado.

Os olhares estão dirigidos para mim?

Imaginem que uma menina que está acima do seu peso normal resolve ir ao teatro. Quando nele vai entrando, percebe que algumas pessoas lhe dirigem o olhar: “Droga! Estão olhando o quanto eu sou feia!”. No entanto, as pessoas poderiam estar olhando para a sua beleza. É válida a pergunta: sem pensamentos paranóicos desse tipo, as pessoas se esforçariam o suficiente para mudar? Essa paranóia, mesmo com seus exageros, não é mais salutar do que prejudicial? “Ah, não é bem assim”, poderão me responder, “Algumas pessoas se destroem por causa disso”. Exatamente, elas se destroem: a natureza não quer que indivíduos fracos em demasia enfraqueçam a espécie, ou seja, se tiverem a força necessária para superarem o obstáculo, que superem; em caso contrário, que fracassem e sejam eliminados ou afastados. Por outro lado, uma crítica que realmente pode ser feita a esse último ponto de vista é a de que, além de ser excessivamente duro e frio, deixa de considerar muitos outros aspectos da existência, isto é, é demasiado simplista e, justamente por isso, fraco. Quanto à paranóia, em geral é o resultado de um estado de desequilíbrio: está mais propensa a derrubar o indivíduo do que a ajudá-lo.

Mas então destruí a tese que eu mesmo levantei? Não, eu apenas joguei uma tese no ar e... Não quis pegá-la!

A interpretação que fazemos de uma pessoa

Podemos tentar interpretar uma pessoa a partir de suas opiniões e idéias, mas antes disso, temos que ficar atentos ao seguinte: ela se ama ou se odeia? A resposta para essa pergunta torna-se muito importante porque, da mesma forma que uma pessoa que se ama pode ter uma tendência para ter opiniões ou idéias que lhe convenha, que a favoreça, uma pessoa que se odeia pode ter uma tendência para defender aquilo que lhe é contrário, que a prejudique — é uma forma de vingar-se de si mesma, de mostrar para si mesma que ainda tem algum poder. O trabalho mais árduo do intérprete, neste caso, poderá vir a ser a verificação dessa disposição da pessoa em relação a si mesma, principalmente se ele dispor apenas das opiniões e das idéias dela; isto é, terá que retirar a terra da semente para depois poder plantar.

As pessoas “especiais”, parte 1

A natureza que supostamente é tão cruel em certos momentos é a mesma que nos impulsiona à vida, é a mesma que procura desenvolver, em nós, novas capacidades quando somos “privados” de alguma coisa. Portanto, que saibamos reconhecer o valor de todas as coisas, a transformação como fato fundamental no decurso de nossas vidas, as novas chances que sempre nos são dadas a todo o instante, a própria força e astúcia do ser humano: a sua inigualável flexibilidade no momento da adaptação. Tudo isso é a luta pela vida, é o espetáculo da vida; é aí que o ser humano mostra que tem força, principalmente quando se ajuda, quando acende a sua vela no escuro, aprendendo com as pressões, com as rotulações promovidas por todos aqueles que também carregam os seus fardos.

As pessoas “especiais”, parte 2

Em verdade, as pessoas “deficientes” nem são deficientes nem tampouco especiais; também não são diferentes (pois todos somos diferentes): são pessoas simplesmente, que muitas vezes possuem qualidades raras, uma beleza pura.

As pessoas “especiais”, parte 3

É absurdo imaginar que, algum dia, todas as pessoas serão tratadas da mesma forma: primeiro, as pessoas são diferentes entre si; segundo, este “da mesma forma” não tem sentido algum, é uma ficção. No entanto, a busca pela igualdade é sempre válida.

* 01 de setembro de 2007 *

A revolta dos ateus

Desde pequenas, muitas pessoas são induzidas a acreditarem em Deus, ou ainda, dependendo do seu senso crítico, são obrigadas a isso, tanto pela cultura de um modo geral quanto por seus pais e familiares (os representantes mais próximos que transportam os erros e acertos dessa cultura). Quando crescem, então, e alguma tragédia ocorre em suas

vidas, ou mesmo um conjunto de pequenos fatos que, pouco a pouco, com uma frustração aqui, uma decepção ali, enfim, gradativamente vão transformando aquela pessoa em uma pessoa muito infeliz, muitas delas ficam revoltadas e passam a procurar um culpado por seus fracassos e decepções — “Deus é bom, é fiel, é misericordioso, ajuda aos necessitados...”, todas essas afirmações passam a provocar raiva e revolta, e tais pessoas se insurgem contra Deus, maldizendo-o e negando-o, sustentando uma espécie de ateísmo e descrença. Todavia, um tal ateísmo não passa de um pseudo-ateísmo, porquanto emana, essencialmente, do ódio (o que é bem diferente do ateísmo *verdadeiro*, aquele que sempre carregamos em nossa idade mais tenra: a infância). Em suma: enquanto tivermos ódio por um objeto de uma determinada idéia, esse objeto ainda existe para nós.

A revolta dos teístas

Muitos teístas agridem os ateus ou todos aqueles que não partilham de suas crenças. Essa revolta, em geral, surge do seguinte: a sua crença em Deus não se origina de uma causa positiva, da alegria de viver, por exemplo, mas sim de algo negativo, uma necessidade torturante: por um motivo ou por outro, precisam acreditar em um ser supremo para não serem prostrados pelos suplícios, e com isso passam a atacar todos aqueles que, de alguma forma, possam ameaçar tal crença. Essa espécie de fé é bem diferente da verdadeira fé, da fé que se origina da satisfação em estar vivo, da alegria de ver o menear das árvores em um belo entardecer, de escutar os sons produzidos pelas quebras das ondas no mar imenso — a fé *pura* não agride: regozija-se com as diferenças entre os seres humanos ou, na pior das hipóteses, permanece indiferente.

* 09 de setembro de 2007 *

A solidão e a sinceridade

O estado de solidão permite que sejamos mais sinceros e honestos, principalmente em relação ao que pensamos, à expressão dos nossos pensamentos. Já que não temos amigos ou amores para conservar, já que não precisamos dissimular ou mentir para adquirir determinados

favores, já que não existe platéia para a qual precisamos parecer mais bonitos ou mais feios do que realmente somos, então somos impelidos a jogar as nossas verdadeiras opiniões, sejam ofensivas ou não, na cara de quem quer que seja.

O poder sobre o destino

Quanto menos o destino está em nossas mãos, mais tendemos a nos sentir ansiosos e angustiados. Mas o destino nunca está em nossas mãos! O que vale então é a sensação, a forma como percebemos e interpretamos as coisas — alguns dos nossos sentimentos mais pungentes tiram a sua existência de objetos imaginários; outros, são suprimidos pelos mesmos.

Os muros desalinhados

Quando olhamos para a frente de dois muros que estão lado a lado, muitas vezes não percebemos que existe um pequeno desalinhamento entre ambos: para vermos a falha, precisamos nos pôr ao lado dos muros, precisamos mudar de posição. O mesmo ocorre em certas situações da vida: temos que mudar de posição para enxergarmos o que está errado.

** 12 de setembro de 2007 **

O pessimismo profundo

Na maior parte dos casos, o pessimismo profundo é, acima de tudo, um desvio de curso.

A auto-suficiência do ser humano

Nos seres humanos, uma auto-suficiência concreta só pode concernir às suas necessidades básicas. A nossa sociabilidade não permite que vivamos plenamente e na solidão — é muito possível que jamais tenha existido um homem que se bastou a si mesmo em todos os aspectos de sua vida.

* 25 de setembro de 2007 *

A cultura como um derivado, parte 1

É interessante a forma como muitas pessoas culpam a cultura por isto ou por aquilo, como se a cultura fosse um ser exterior, um estranho que, sem a nossa permissão, invadissem as nossas vidas e começasse a nos influenciar, impelindo-nos à realização de ações imorais ou prejudiciais. Mas a cultura, a princípio, é um derivado, uma espécie de efeito que tem como causa todas as nossas características, instintos, sentimentos, etc.: *desenvolveu-se*, em um processo de intensa transformação, ao longo dos tempos, vindo a ser moldada, em um determinado local, pelas próprias necessidades impostas por esse local e pelas características orgânicas e espirituais presentes naqueles que habitam o local — a cultura é necessária à espécie: aquilo que auxilia, de um modo geral, no desenvolvimento e perpetuação da espécie, aparece e é mantido; o que não serve, logo some.

A cultura como um derivado, parte 2

A despeito disso, temos a questão do intercâmbio entre causa e efeito. Em um primeiro momento, a cultura pode ser vista como um efeito, porém imediatamente depois passa a funcionar como causa: influencia as pessoas e dá a si mesma mais força, ou seja, indiretamente, altera-se a si mesma. No entanto, muito embora o processo de troca continue indefinidamente, tendo o seu início nos primórdios mesmo, em última instância, a cultura nunca deixa de ser um servo da espécie, um objeto cuja finalidade é proteger e garantir a sobrevivência de quase todos. Portanto, que não encaremos a cultura como se ela fosse algo apartado de todos nós: além de sua função conservadora e vital, muitos dos seus aspectos, em alguns momentos, são a representação de nossos desejos mais íntimos.

A cultura como um derivado, parte 3

Além disso, muitas vezes as pessoas são tão facilmente influenciadas pela cultura porque já têm uma tendência para isso, e uma tal tendência, já tão antiga, não existe à toa.

** 05 de outubro de 2007 **

A construção

Às vezes pensamos que estamos subindo uma escada quando, na verdade, estamos descendo; o contrário também ocorre.

** 06 de outubro de 2007 **

A derivação do sonho

Parafraseando a mim mesmo: fundamentalmente, não são as pessoas que vivem em função de seus sonhos, mas os sonhos que vivem em função delas.

** 18 de outubro de 2007 **

O que os outros pensam de mim

“*Eu não me importo com o que os outros pensam de mim!*” — isso quase sempre quer dizer: “*Estou satisfeito com o que os outros pensam de mim*”, ou ainda: “*Tenho confiança em mim mesmo: sei que os outros vão pensar bem de mim*”.

A extinção da profissão

A profissão de restaurador de fotos terá seu fim no futuro: se muito, sobrarão apenas resquícios dela, resquícios raros.

A expressão do sentimento

“*Sinto como se eu estivesse sendo privado de algo bom, algo com o qual os outros se deleitam, mas que a mim não é dado esse direito*” — que sentimento se expressa assim? Alguém sabe?

No submundo, os pilares do inferno

Quero matar, morrer e ser morto.

O que dizer? O que fazer?

Numa noite sombria e silenciosa, a morte chega, bate à nossa porta e nos diz: “*Vim te buscar: chegou o momento de sua partida. Você desperdiçou a sua vida, não viveu com a intensidade suficiente, não foi feliz o suficiente: alguma coisa a dizer antes da escuridão cair sobre os seus ombros para sempre?*”.

A naturalidade

Filhas de alguns homens que são maus pais têm uma certa predisposição ao homossexualismo; de igual forma, mulheres que se assemelham mais a demônios do que a mães podem criar essa predisposição nos filhos homens. Por aí vemos o quanto de “genética” existe em alguns casos de homossexualismo.

** 19 de outubro de 2007 **

Os psicólogos e sua natureza

Nos consultórios e nas clínicas, temos muitas pessoas formadas em psicologia, mas poucos psicólogos.

A agressão e a reação

Duas pessoas: uma é agredida e se abate por isso — a melancolia enfraquece a sua vontade de viver e reprime seu coração; a outra é agredida e reage de forma ofensiva — fica com ódio e parte para a agressão, para destruir o seu agressor. Esta segunda reação é sempre sinal de maior vitalidade.

Uma pergunta inadequada

Perguntaram a alguém: “*Você se sente bem assim? Você vive segundo as normas ditadas, obedece aos outros, obedece aos mandamentos implícitos e explícitos da TV... Se sente bem assim? Você nunca desejou ter vontade própria?*”. A resposta foi esta: “*Como assim vontade*

própria? Do que você está falando? Eu me sinto bem assim: que importa o resto?”.

A capacidade do povo de guiar-se a si próprio

No jornal aqui da cidade, o repórter, em uma época de seca, perguntou a uma moça na rua: “*O que você acha do racionamento de água que vai ser iniciado nos próximos dias?”*; ao que ela respondeu: “*Racionamento? O que é racionamento de água?”*.”

A sensibilidade intensificada

Algumas pessoas, depois de sofrerem longamente com frustrações diversas e de difícil impedimento, adquirem uma suscetibilidade exagerada: mesmo nos pequenos casos, não suportam mais serem contrariadas, não suportam que seu desejo, mesmo sendo irrisório, deixe de se realizar — tornam-se, assim, pessoas difíceis e pouco maleáveis.

** 12 de novembro de 2007 **

A escadaria, parte 1

Existem várias escadas: é preciso escolher uma.

A escadaria, parte 2

Essencialmente, duas coisas são imprescindíveis para que consigamos chegar ao topo da escada: a vontade (o desejo de subir) e os degraus.

A escadaria, parte 3

Só iniciaremos a subida se alguma coisa no topo da escada nos atrair: pode ser uma necessidade ou mesmo uma doce visão.

A escadaria, parte 4

É importante que subamos sempre olhando para frente, nunca de costas.

A escadaria, parte 5

Enquanto subimos, é importante que contemplemos tudo o que está ao nosso redor, pois muitas vezes o que está no topo não é de grande valia: o sentido, portanto, recai na viagem.

A escadaria, parte 6

É mais fácil sermos puxados por quem está na nossa frente na escada do que sermos empurrados por aqueles que estão atrás de nós.

A escadaria, parte 7

Enquanto subimos, muitas vezes não percebemos a importância que cada degrau, com sua pequena ajuda, tem para nós. Quando terminamos a subida, então, ficamos com a impressão de que subimos sozinhos. É também por isso que, quando chega a nossa vez de ser um degrau, não aceitamos — não tivemos a capacidade de enxergar.

A escadaria, parte 8

Quando terminar a subida, mesmo que se decepcione com o que encontrou no topo, não se esqueça de contemplar o todo lá de cima.

** 18 de novembro de 2007 **

Do fanatismo religioso — a questão dos evangélicos

Não é de hoje que os evangélicos me incomodam: há tempos não tenho mais suportado escutar com piedade os seus disparates, não tenho suportado o seu modo agressivo e infantil de ser; tampouco me agrada o mau humor característico de muitos — muitos evangélicos manifestam um certo ódio à vida, têm horror à própria humanidade: isso se torna manifesto no modo como olham, como criticam os outros, no seu jeito egocêntrico de ser.

Mas até que, nos últimos tempos, essa minha indisposição para com os evangélicos foi abrandando: eles foram pouco a pouco diminuindo de tamanho em relação a mim... Hoje, só escuto ecos e vozes débeis, um balbuciar tênue e sem força, sem fulgor, sem animação, sem “crença”

ou força para fazer escutar e crer. Só damos importância àquelas opiniões que emanam de pessoas que estão no mesmo patamar que nós, ou acima de nós, ou, enfim, no máximo, um pouco abaixo de nós: o que provém das crianças, da infantilidade exagerada, daqueles que nem mais enxergamos (mesmo que curvemos completamente a cabeça para baixo) não nos afeta. Os evangélicos já me feriram, cortaram-me, porém a convalescença foi gradativamente ganhando corpo a tal ponto que só reservei para eles o que geralmente só guardo para aquilo que é um tanto indiferente para mim: a análise fria, o desmistificar, a interpretação “cruel”.

É assim que, agora, disponho-me a tecer alguns comentários acerca da “psicologia” do evangélico, tanto do fanático como do mais contido.

§1. — *A necessidade*

A necessidade é a mãe de todas as crenças fortes.

A história de muitos evangélicos é quase a mesma, algo padronizado, algo assim: temos, primeiro, uma pessoa sem crenças, desalinhada e um tanto desequilibrada: percorre a vida fora dos trilhos até que afunda na lama produzida pelos seus próprios erros. Quando está na pior, então, o instinto vital se mostra e fala aos ouvidos dele: “*Você está na pior: é condenado pela sociedade, não tem alternativas, roubou, destruiu, fechou portas, está na miséria — doravante, é morte ou vida: uma atitude torna-se necessária!*”. Aqui a necessidade se faz presente: é preciso se reerguer de algum modo, readquirir a dignidade perdida e a esperança, elevar novamente a auto-estima, despir-se da culpa, ser aceito novamente na sociedade (ou em alguma sociedade). Agora passamos a ter, enfim, uma pessoa alienada, solitária e desesperada que “topa tudo” para salvar a própria vida. E qual tipo de discurso pode facilmente servir de isca para tal pessoa? Que tipo de crença pode lhe satisfazer e trazer, além de uma ideologia salutar para curar suas enfermidades, um grupo “acolhedor” de pessoas? É preciso responder?

§2. — *Os costumes e a evangelização por herança*

Muitas pessoas são evangélicas por causa de sua família e de pessoas mais próximas. Já observaram que, quando uma pessoa cresce

escutando um determinado tipo de música, ela geralmente passa a gostar muito desse tipo de música? A grande maioria dos nossos gostos são adquiridos e determinados durante a nossa vida: o desenvolvimento do nosso ser segue determinados princípios e instintos, os quais englobam tipos de escolhas, tipos de imitação, associação por prazer e desprazer, etc. É assim que, por exemplo, os filhos adquirem certas características comportamentais e/ou ideológicas dos pais: desde criança, sentem prazer em imitar os pais (esperteza da natureza: “supõe” que os mais velhos estão mais adaptados ao mundo, ou seja, a imitação dos costumes dos mais velhos é a melhor solução para que os mais novos sobrevivam na guerra da vida); imitam então e a partir daí cria-se uma rede de associações, na qual figuram instintos diversos, prazer e desprazer, sentimento de aceitação, confiança, etc.

Portanto, quando uma criança pertence a uma família de evangélicos, a tendência é que ela se torne também evangélica, e tal tendência será maior ou menor dependendo, principalmente, da fraqueza de seu intelecto e das associações positivas ou negativas que vierem a acontecer.

§3. — *Outros contributos: a plausibilidade e a lógica subjetiva*

A forma como raciocinamos vai sendo moldada durante a nossa vida, e cada estrutura intelectual é única. Como cada um tem seu próprio mundo, como cada um viveu e absorveu de forma distinta todos os acontecimentos da vida, cada um raciocinará à sua maneira: o que parece ser lógico (plausível) para mim pode não ser para outras pessoas. Um exemplo: imagine uma criança que é instruída a acreditar que deus é a causa do mundo, que teve vontade própria no momento da criação, que criou algo que está fora de si, que é a explicação para tudo, que governa as nossas vidas (direta ou indiretamente), etc. O intelecto infantil dessa criança, que ainda está em formação, tende a tomar tal ensinamento para si e ainda o transformando numa espécie de “conceito primitivo”, isto é, aquele conceito primário no qual se associarão todos os outros conceitos: em suma, será o início de uma rede que está começando a ser construída. Quando essa criança crescer, não só parecer-lhe-á ilógica a afirmação de que o seu deus não existe (pois tal afirmação vai de encontro a uma rede complexa de associações, uma

rede que já tem sua consistência, seu encadeamento “lógico” e que determina o modo de pensar, de analisar, de acolher e de descartar da pessoa), como ela vai descartá-la por, como posso dizer?, “conveniência”: aceitar uma idéia que se contrapõe a uma idéia primária não é para qualquer um, pois seria preciso desconstruir toda a rede que fomos construindo durante a vida, uma rede cujos moldes de construção, tanto no âmbito das experiências como no da posterior adequação dos derivados dessas experiências (conceitos, etc.) à rede, foram determinados por essa idéia raiz, por esse conceito primário. Além disso, teríamos que jogar fora boa parte de nossas esperanças, costumes prazerosos, grupos sociais, etc. E não termina por aí: o receio da decepção de sabermos que estávamos errados o tempo inteiro, de que fomos ingênuos o suficiente para sermos enganados por tanto tempo, enfim, tudo isso se constitui como importante razão para que continuemos de olhos fechados (para a maioria das pessoas, é melhor viver feliz nas nuvens do que viver não tão feliz no mundo).

§4. — *A reviravolta: o intelecto, os motivos e o abandono das antigas crenças*

É uma história que pode ser contada assim: primeiro, o sujeito nasce e é induzido a acreditar na Bíblia desde quando começa a apresentar alguma consciência das coisas do mundo. Depois, toda a sua vida passa a se conformar e a girar em torno de tais crenças. A idade adulta se aproxima, o seu intelecto vai amadurecendo e alguns meios externos começam a colocar alguns questionamentos, que logo são repelidos: é a época em que o intelecto começa a procurar motivos para sustentar as crenças absurdas (“*Então Deus disse: faça-se a luz... e o Big Bang ocorreu*”; “*O evolucionismo apresenta falhas graves...*”, “*A linguagem da Bíblia é simbólica...*”, “*A Bíblia em momento algum especifica se os seis dias da criação são realmente dias mesmo ou seis grandes períodos de tempo*”, etc.). Com o passar do tempo, no entanto, a dúvida mergulhada nas profundezas de sua consciência começa a ganhar força: o sujeito não percebe com clareza, mas sua percepção, suas experiências, seus conceitos, sua rede de associações vão mudando aos poucos, de forma quase imperceptível. Chega um dia, então, em que ele se percebe em um estado de intensa dúvida (ele começa a contemplar o “caminho”): o seu sentimento mudou, seu mundo interno mudou, o seu

intelecto não mais é impelido bruscamente a forjar falsos motivos para justificar suas crenças. Finalmente, pouco tempo depois, ele admite a absurdidade daquilo em que acreditava: uma doce tristeza e uma calma paz fazem-se presentes em seu coração, um velho mundo se fecha, um novo mundo se abre (ele começa a percorrer o “caminho”).

§5. — *Epílogo: a reafirmação das crenças*

Muitos, no entanto, ficam com suas crenças a vida inteira: é muito tarde para mudar, falta força intelectual, falta mudança sentimental, falta vontade. Costumam agredir e atacar tudo aquilo que, de alguma forma, , coloca em risco a validade de suas crenças (principalmente os fanáticos: precisam muito das crenças, fazem de tudo por elas: depreciam a ciência, a razão, a lógica, as evidências, as crenças alheias, etc.)... Já no final de suas vidas, no leito derradeiro, pensam: “*Já estou indo, meu criador!*” — mas geralmente são palavras que o vento carrega: mesmo supondo que o seu deus existe (e admito essa possibilidade), o seu fanatismo e a sua agressividade para com os outros (aqueles que não partilham de suas crenças) o tiraram do caminho. O correto, portanto, de acordo com sua perspectiva, seria: “*Lamento profundamente, pois sei que o diabo já está me esperando com o seu chicote... Sim! Sim! Eu o vejo, ele já está ali na espreita, detrás da porta*”.

* 01 de dezembro de 2007 *

A inclusão digital: o povo se faz presente

Infelizmente, a inclusão digital está dando voz para pessoas que não deveriam falar, ou melhor, que não têm o que falar. O nível das discussões na Internet, de um modo geral, é ridículo, e, à simples aproximação de determinados “lugares”, o nojo já se me apresenta — já se me apresentava: depois que percebi que nada havia ali para mim, distanciei-me de tais “lugares”.

É interessante notar que algo parecido ocorreu nas escolas: antigamente, enquanto apenas a “elite” da sociedade freqüentava as escolas, o nível nas mesmas era mais elevado, os alunos eram “melhores”. Mais

recentemente, principalmente com o governo de Fernando Henrique, a massa entrou nas escolas: o nível caiu, o sistema ficou mais caótico e ineficaz, antigos e renomados atores foram perdendo sua importância, e o sistema educativo do país ainda está tentando aprender a lidar com tanta gente.

Todavia, o caminho tem que ser mesmo este, e a inclusão digital tem lá suas muitas virtudes!

O pensamento linear

Aquele que possui uma forma linear de pensar viaja de trem; voa aquele cuja forma de pensar é não-linear. Algumas viagens devem ser feitas de trem mesmo; a efetivação de outras só se torna possível por meio do vôo.

** 14 de dezembro de 2007 **

A nova metodologia de ensino

O impacto inicial provocado pela utilização de uma nova metodologia de ensino, por mais positivo que ele seja, não é o bastante para definir como positiva a nova metodologia. Uma grande motivação dos alunos frente a um novo método, por exemplo, pode ser apenas um resultado da quebra da rotina, um efeito que se obtém ao se sair da mesmice: com o tempo, tudo voltará a ser como era antes, e, em alguns casos, o uso prolongado da nova metodologia poderá trazer grandes prejuízos para todos. Os novos métodos devem ser pensados e repensados com bastante esmero — antes e depois de sua implantação.

** 23 de dezembro de 2007 **

A humanidade da humanidade

Criar um clima nefasto, pegar um criminoso e expô-lo ao ridículo e à injúria, como se ele fosse um demônio, o mal: eis uma grande

selvageria, incomparavelmente maior do que aquelas praticadas pela maioria dos criminosos. Como se não fosse o suficiente e demonstrando sua cegueira, reclamam ainda quando os criminosos voltam a atacar a sociedade, quando voltam a tentar suplantar as leis que a sociedade cria.

O conhecimento e a desmistificação da vida

A suposta “desmistificação” da vida não é motivo ou causa do desinteresse pela mesma: primeiramente, a existência de um conhecimento distinto, amplo e real sobre a vida é condição necessária para que possa haver a possibilidade de efetivação de tal desmistificação: esta, portanto, não existe, é algo apenas aparente, pois aquele conhecimento também não existe. Não obstante, mesmo supondo que este descortinamento fosse possível (e, na verdade, quando contemplamos o indivíduo como sujeito subjetivo, ele até que é possível em certo grau), teríamos: segundo, a compreensão consciente de algo não pode determinar esse ou aquele sentimento diretamente, pois a consciência quase nunca age como causa (tenuidade ou inexistência das causas intelectuais, consciência como espelho, como reflexo) — se há, portanto, um aparente desinteresse por algo depois de sua compreensão, certamente que tal desinteresse não foi ocasionado pela compreensão, mas sim, na maior parte dos casos, pelo processo que leva à compreensão; isto é, *simultaneidade* entre compreensão e desinteresse, ou ainda, compreensão como efeito do desinteresse (para ilustrar esta última afirmação, vamos a um pensamento simplório: quando amamos uma determinada coisa, costumamos ver apenas seu lado positivo, o que há de bom nessa coisa; quando a odiamos, vemos apenas suas desvirtudes, seus defeitos — em alguns casos, em muitos casos, aliás, chegamos a inventar defeitos para aquilo que odiamos e qualidades para aquilo que amamos —; um conhecimento mais preciso sobre algo, havendo um grau de subjetividade elevado na situação (como é no caso da vida), só é possível quando não amamos e quando não odiamos esse algo). O que vem a ocorrer, portanto, é quase sempre o contrário do que aquilo que normalmente se imagina: o desinteresse pela vida é que traz sua desmistificação, traz o desanuviamento de alguns poucos aspectos da vida.

Algo muito próximo disso ocorre quando o nosso *eye of eagle* penetra nas profundezas da alma das pessoas: o véu que cobre seus defeitos e as motivações de suas virtudes cai frente a nossa percepção apurada — em alguns momentos, em virtude de associações equivocadas e da confusão entre causa e efeito e outras do gênero, confusão esta comumente vista, podemos imaginar que o conhecimento profundo de outrem causa um certo desinteresse pelas pessoas (eu mesmo já pensei assim). Todavia, não se trata disso: a nossa própria constituição, que é quem nos dá o direito de ver isso ou aquilo, dessa ou daquela forma, é que define a forma fria ou afetiva como vamos interagir com nossos semelhantes, é que define se os outros vão nos despertar o encantamento, o receio ou mesmo o ódio. Temos então, na maior parte dos casos, dois efeitos de uma mesma causa, que, por um erro de percepção, passam a ser associados como causa e efeito.

Ademais, uma determinada caracterização de algo não é boa ou ruim em si, mas se tornará boa ou ruim quando nos apossarmos dela. Exemplo: o estudo profundo dos seres humanos pode levar-nos a compreender as motivações dos atos altruístas e solidários entre as pessoas (busca pela superioridade, pedido de desculpas, virtude consciente, prazer próprio, egoísmo, extirpação de um determinado sofrimento adquirido na infância, etc.), porém tal compreensão não é um motivo para se amar menos a humanidade (se isso vier a ocorrer, essa falta de amor já estava presente no mundo interior do indivíduo: apenas emergiu depois de um pequeno incentivo), pois, por exemplo, poder-se-á pensar assim: as coisas deveriam ser de uma forma; são como são e é algo que vem dando certo: o que há de feio nisso? Trata-se da necessidade... Além disso, uma determinada idéia não pode matar o amor (só outro sentimento pode verdadeiramente lutar contra o amor, e, se o amor for forte, só um sentimento muito forte para afrontá-lo). Neste caso especificamente, um dos grandes problemas vem do passado, de todas as gerações passadas que criaram sentimentos fictícios, imaginários, alicerçando a virtude humana na areia: isso pode, em determinadas situações da vida, causar certas decepções sentimentais e posteriores conflitos intelectuais, de onde emanam erros de percepção e de raciocínio. No futuro, talvez venham a existir gerações organicamente mais saudáveis do que a nossa: mesmo na posse de um conhecimento do mundo e da vida mais concreto e

“realista” do que o nosso, essas gerações vindouras poderão amar mais a sua própria raça e a natureza que a engloba — é na mente que tomamos consciência do encantamento que sentimos, mas este encantamento está no coração: lá permanece inabalável, permanece inalcançável para aqueles que estão na superfície, para os habitantes da consciência.

As agressões nas comunidades da Internet: algumas causas

A agressão pode ser motivada pela infelicidade: a tristeza e a frustração por não ser feliz podem gerar ódio contra o mundo — associação equivocada e busca pela causa —, revolta, etc., que gera agressão contra o próprio mundo, o qual, numa comunidade, é representado pelos seus integrantes. Uma auto-estima baixa também pode gerar agressões e desrespeitos entre os membros das comunidades, pois a crítica, o ataque, a desmoralização do outro (ou dos outros) em público faz com que aquele que se vê muito abaixo dos outros possa se sentir um pouco melhor (mas ele não se eleva: apenas empurra os outros para baixo e tem a falsa sensação de que se elevou). O motivo também, em alguns casos, talvez na maioria, pode ser apenas uma falta de preparo das pessoas para conviverem em comunidade, uma falta de educação, ciancice, etc.

Importante observar que o meio de comunicação pode induzir as pessoas a isso: algumas pessoas não têm força para a reação depois de serem maltratadas ou agredidas de formas diversas, seja por uma pessoa ou pela vida; um modo de extravasar o seu ódio ou de recuperar algo (a autoconfiança, por exemplo) é manifestando um suposto “poder” em alguns meios seguros (já que, no fundo, para me utilizar de um termo popular e que pouco diz, são pessoas covardes): a humilhação do outro via Internet ou mesmo a agressão pode ser um meio de extravasar — observem que é um meio seguro: a identidade virtual pode se afastar muito da identidade da pessoa, ou seja, o agressor faz, espiritualmente, distinção entre o seu “eu virtual” e o seu “eu verdadeiro”, mas, no entanto, este pode colher os “benefícios” daquele: *“Quando sou agredido, é meu ‘eu virtual’ e não eu mesmo; quando agrido, sou eu mesmo que o faço”*. Ademais, via Internet, eles sabem que não podem levar uma bofetada.

Aquilo que é nosso, verdadeiramente nosso

Na infância, quando escutava aquelas histórias do Antigo Testamento no catecismo, pensava: “É uma historinha besta, mas é até bonitinha”. Vez ou outra, relançava o olhar e perscrutava as fisionomias das pessoas que me cercavam, e às vezes me surpreendia: “Ué! Será mesmo? Parece até que as professoras acreditam nessas coisas... Não, não pode ser, acho que é outra enganação dos adultos”.

** 25 de dezembro de 2007 **

O perdão no Natal

Essa época de final de ano, o clima que se cria pode fazer a alegria penetrar no coração de muitas pessoas: a paz de espírito reluz e ilumina as pessoas, a alma convalesce, muitas mágoas são superadas e ficam de lado, o perdão nasce. A ação que se deriva desse estado, no entanto, é muitas vezes mal interpretada: a tentativa de reaproximação, o esforço para apagar o passado ou até mesmo o pedido de perdão podem ser vistos como um fruto da dissimulação. E assim, em virtude de não se sentirem mais felizes, de carregarem ainda um certo rancor, algumas pessoas não conseguem enxergar com nitidez e passam a cometer suas injustiças na época natalina. “*Não gosto dessa época por causa da falsidade das pessoas!*”, isso é o que é dito por algumas pessoas; “*Não gosto dessa época porque sou rancoroso demais, sou orgulhoso demais!*”, é o que deveriam dizer.

** 31 de dezembro de 2007 **

O que é isto? Um conselho?

Foi moldado em conformidade com a perspectiva do aconselhado? Sabe como este sente, vê, pensa? Se não, não é um conselho, mas uma inconseqüência.

Aqueles que querem nos guiar

Aqueles que querem guiar as pessoas “rumo à felicidade” costumam se enganar no seguinte ponto: apresentam apenas um único caminho para isso, imaginam que só existe um único caminho para a felicidade. Este erro está presente em grande parte dos conselheiros de uma dada época, está presente em praticamente todos os códigos morais rígidos do passado e do presente, em praticamente todos os grandes moralistas — o desejo de “guiar”, de ser “benfeitor”, enfim, o desejo de aumentar o poder, de fazer com que os outros ajam e se comportem dessa ou daquela maneira, o desejo de controlar a todos e impor seu ponto de vista ao máximo de pessoas possíveis, faz com que muitos moralistas ou desenvolvedores de códigos éticos rígidos fiquem cegos e não enxerguem aquilo que é inerente à própria realidade: a subjetividade.

Por que não me quer?

A — O que eu tenho que te faz querer se afastar de mim, não me olhar, não me tocar?

B — Você me faz ver coisas que eu não quero ver.

Os sonhos e a complexidade orgânica: uma conjectura

Com o desenvolvimento orgânico dos seres humanos ao longo dos tempos, isto é, quando foram gradativamente se transformando em seres vivos mais complexos e intelectualmente mais desenvolvidos, as suas necessidades também foram se ampliando: passou-se a carecer de algo que suprisse parte dessas novas necessidades (principalmente aquelas no âmbito social), as quais, ao contrário das necessidades fundamentais, eram mais superficiais e mantinham pouco contato com a realidade próxima e imediata — a imaginação, a capacidade de sonhar e de criar situações fictícias surgiu e se desenvolveu. Portanto, ao mesmo tempo em que criou mais necessidades, a complexidade orgânica e espiritual possibilitou o desenvolvimento daquilo que viria a satisfazer boa parte das novas necessidades.

* 13 de janeiro de 2008 *

A independência e a livre escolha

Na época de eleições, muitas pessoas imaginam que as propagandas, o visual dos candidatos, o modo como falam e agem diante do público, etc., não têm influência em sua escolha, quando, na verdade, até o nome dos candidatos influencia.

O romantismo e a frieza

O romantismo de alguém, o desregrado mundo sentimental de uma pessoa pode trazer muitos sofrimentos e decepções de tal maneira que, com o tempo, o romântico passa a aferrolhar os seus sentimentos, sentimentos estes tão intensos e deleitosos outrora, porém portadores de violentos sofrimentos. Após longo tempo tentando afastar o sentimento de sua vida, uma certa frieza e distanciamento começam a fazer-se presentes no romântico: depois de muito se esforçar, conseguiu acalmar os sentimentos — começou a viver sem sofrer tanto, mas também sem tantas alegrias. É como escolher viajar em um mar calmo e com poucas ondas ou em um mar agitado e com grandes e numerosas ondas (considere a felicidade o momento em que somos alçados pelas ondas; a tristeza é o momento em que as ondas nos jogam para baixo): se escolhermos o mar sereno, não correremos o risco de sermos muito infelizes, mas também não seremos muito felizes; no mar agitado, poderemos ser muito felizes, no entanto, por outro lado, o abatimento pode vir com tanta força (a queda pode ser tão grande) que poderemos morrer em um piscar de olhos.

A depressão e o TOC

A minha experiência, ou melhor, o meu sofrimento insinuou o seguinte para mim: “*O TOC, ou pelo menos certos tipos de TOC, mantém contato profundo com o instinto de sobrevivência: no fundo, quer-se evitar algo, conservar algo, angariar algo*”. Sendo isto assim, então as crises depressivas fortes diminuem o TOC (ou alguns tipos de TOC), pois enfraquecem os derivados do instinto vital, da vontade de viver.

* 14 de fevereiro de 2008 *

O grande peso

Em muitos momentos, não basta largarmos um peso: é preciso esquecê-lo!

A culpa do mundo

Quando a nossa natureza essencial está em conflito profundo com o mundo e um sentimento de culpa, causado pelo olhar do mundo sobre nós, desabrocha em nosso coração, tendemos a enfraquecer enquanto o mundo se fortalece. Neste caso, se quisermos a nossa força de volta, temos que sobrepujar o mundo — mas sem envolver o mundo nisso, sem tocá-lo.

A grande mente

A grande mente nunca esquece que é grande: não faltam mentes pequenas para lhe lembrar.

A força do mundo

Nunca bata de frente com o mundo: se realmente é preciso atacá-lo, faça-o por trás, na “traição”.

Os mentirosos

Na vida, todos mentem: costumamos chamar de sinceros aqueles que mentem pouco.

* 17 de fevereiro de 2008 *

A perceptividade do conselheiro

O conselheiro diz: “Você só vai conseguir ser feliz quando perdoá-los!”; eu digo: “Você só vai conseguir perdoá-los quando for feliz!”. Conselheiro: “A sua auto-estima baixa vem do seu orgulho!”; eu: “O seu orgulho vem da sua auto-estima baixa!”. Conselheiro: “Um

pensamento ruim traz sempre algo ruim para seu mundo interior!”; eu: “Um pensamento ruim já é a expressão de algo ruim!”. Conselheiro: “A mente tem um grande poder!”; eu: “A mente não tem poder algum praticamente: o processo não se inicia nela, ela não é causa de si!”. Conselheiro: “A carência afetiva é a falta de se doar mais!”; eu: “A carência é a carência!”.

A proximidade do professor

O bom professor deve se aproximar dos alunos, porém não pode se tornar um deles.

** 22 de fevereiro de 2008 **

Os alicerces da vida

Não há dúvida de que o fundamento da vida é tudo aquilo que é irracional, sentimental: a amizade, o amor, o companheirismo, a tristeza, a alegria, são esses os verdadeiros alicerces da vida, aquilo que lhe dá sentido. No entanto, supondo que o pensamento consciente seja uma *invenção* recente da natureza e que ela ainda queira *intensificá-lo*, supondo também que a racionalidade *esfrie* os sentimentos, vale perguntar: o fundamento da vida humana se tornará outro? Poderá se tornar? Será que podemos contemplar a possibilidade de que a vida possa algum dia ter sentido mesmo sem a alegria? Sem o amor? A racionalidade em si teria força o suficiente para nos manter vivos? Para nos fazer lutar pela vida? Deixo estas questões para aqueles que acreditam na força do pensamento, isto é, acreditam que o pensamento pode subjugar o sentimento — para mim, claro, estas são questões sem sentido: o sentimento e o pensamento são inseparáveis.

* 06 de março de 2008 *

O atrofiamento das asas

Quando um assunto de cunho mais filosófico passa a ser debatido por certos “cientistas”, é sempre bom ver o quanto de absurdos sai daquelas mentes bem adestradas. A impressão que se tem em certos momentos é a de que os ventos gélidos provenientes da viagem de trem arrefecem o espírito e destituem os olhos de sua capacidade de virar-se e mover-se nas diferentes direções... Não obstante, um cientista um pouco mais esperto poderia se defender fazendo uso da teoria de Howard Gardner: e será que ele teria razão?

O internetês e o sistema educativo

Com minha larga experiência na Internet e sendo eu um educador, imagino ter o direito de expressar-me acerca da aceitação do internetês nos estabelecimentos de ensino: que me perdoem os educadores que lutam para que o mundo do aluno possa ter mais validade nas escolas, mas, de um modo geral, o internetês piora ainda mais algo que já é muito ruim — na maior parte dos estabelecimentos de ensino, a aceitação disso, mesmo que apenas parcial, seria um erro, um grave erro!

A corrupção de um povo: o desencontro de gerações

“Não se pode mais confiar em instituição alguma: há corrupção em todas elas!”. Esta afirmação, como é bastante óbvio, condena o povo inteiro. Supondo que isto seja um problema, um *desencontro* de gerações poderia resolvê-lo? Evidentemente, não: só um idealismo puro ou uma mente ingênua poderia pensar assim.

Tropa de Elite (filme)

Múltiplas interpretações, polêmicas, críticas pesadas, desafiadoras e que fazem pensar: estas são qualidades que aprecio numa obra de arte!

A angústia e o existencialismo

Os existencialistas afirmam muitas coisas insensatas acerca da angústia — vez ou outra, o meu *eye of eagle* fala para mim com hesitação: “*Alguns deles universalizaram! Retiraram uma idéia equivocada de sua fraqueza e de seu medo de olhar para a vida e ainda por cima transformaram a tal idéia numa espécie de regra, de explicação! Eis o seu grande erro! E é um erro cometido por muitos!*”. E para jogar mais lenha ainda na fogueira: certos antidepressivos agridem e acabam com a angústia sentida por certas pessoas: em algumas pessoas, a angústia não seria apenas o fruto de um distúrbio químico corporal? Isto me parece ser muito mais plausível, por incrível que pareça, do que muitas teses que vejo por aí...

Justificando a fraqueza

Pior do que ser fraco é querer justificar a fraqueza: ao menos para não fazer isso tenha força.

* 11 de março de 2008 *

Preenchendo o vazio

Não se pode preencher um vazio, isto é, não se pode tapar um buraco por meio da terra advinda de outro buraco: neste caso, estar-se-á criando um novo buraco ou aumentando um já existente. Além disso, certos buracos são impreenchíveis: ao invés de gastarmos as nossas energias tentando preenchê-lo, é preferível que organizemos as nossas vidas de tal modo que aquele buraco possa se encaixar nela, possa fazer parte dela.

* 22 de março de 2008 *

A religiosidade e o vício

Perguntaram ao religioso: “*Você fala tanto em deus, Jesus: qual a razão disso?*”. Ele respondeu: “*São a minha vida! Sinto-me completamente preenchidos por eles! Por isso falo tanto neles, por isso tento converter*

a todos!”. Por meu lado, sempre vi isso mais como uma espécie de vício, até de neurose em alguns casos.

** 26 de março de 2008 **

A inaceitabilidade

Quando suas palavras não forem aceitas em algum lugar, antes de mudá-las e de alterar o sentido do que disse, considere mudar a forma como você falou.

** 01 de maio de 2008 **

Os outros caminhos

No fundo, sempre desejamos que o outro pense como nós. É, portanto, vantajoso para nós quando alguém pensa como nós ou quando passa a pensar: isso nos traz alegria quase sempre. Não obstante, para não deixarmos que esse desejo atrapalhe nossas interações, principalmente em momentos de discussões e trocas de idéias, precisamos estar atentos: busque outras alegrias que não aquelas oriundas da persuasão e da harmonia de pensamentos — é tão mais bonito aprender! Ver o outro bem, tendo suas próprias idéias, estando à vontade! Quase nunca evoluímos enquanto estamos a discursar, enquanto “pregamos”... Não tenho receio algum em dizer: algumas das minhas melhores idéias, e não apenas aquelas de cunho mais teórico, que não têm muita aplicação para a busca da felicidade, surgiram de conversas com pessoas supostamente “limitadas” e “inferiores” intelectualmente.

** 10 de maio de 2008 **

As crenças e a auto-estima

Um apego forte às crenças pode ser forte sinal de auto-estima demasiada suscetível e frágil. A defesa agressiva daquilo que há em

nós, daquilo cuja natureza envolve nosso ser, é sempre indício de que nossa existência, de alguma forma, está sendo ameaçada.

** 11 de maio de 2008 **

A alguns “doutores” da brincadeira

A utilização da dor e do sofrimento alheio para elevar o próprio ser não é, em si, algo vergonhoso, porém demonstra a fragilidade da natureza de quem assim o faz.

** 17 de maio de 2008 **

À mercê

Uma das razões porque as pessoas criam, acreditam e propagam as crenças absurdas é que não treinam adequadamente seu pensamento: suas mentes é terra fértil onde se desenvolvem os mais diversos preconceitos; os mais diversos e contraditórios conceitos encontram vida e espaço dentro de seus corações. Falta-lhes uma pitada de “método científico”.

Os “sabem tudo”

O que mais me espanta no Espiritismo é que eles têm respostas para quase tudo. No entanto, quando precisam atacar algo, como o Panteísmo, por exemplo, não vacilam ao insinuar que o homem é orgulhoso, que o homem quer conhecer certas coisas, mas não o pode, pois está além de seu alcance. A Bíblia, que é menos ousada, ainda teria alguma desculpa: foi revelação divina; o Espiritismo, que se pode dizer em sua defesa? Como podemos realmente acreditar nos supostos espíritos superiores que supostamente sabem das coisas? Como podemos ignorar e não olhar com séria desconfiança para os traços essencialmente epocais das respostas dos espíritos? O Espiritismo é mais uma brincadeira de criança, uma brincadeira absurda que ganhou muitos adeptos por mitigar certos medos e satisfazer certos instintos.

A depressão não é uma tristeza?

Para mim, a depressão é, antes de tudo, uma grande tristeza. Se não é uma tristeza “padrão”, isso já é uma outra história.

** 24 de maio de 2008 **

Apenas uma confissão

Outro dia estava conversando com uma garota que não se ama a si mesma o suficiente: vez ou outra, ela se desvalorizava em minha presença com o intuito de que eu a contrariasse e assim a elogiasse. Foi aí que insinuei isso mesmo para ela, fazendo referência à sua auto-estima e aos efeitos de uma auto-estima baixa. Ela então se comportou de uma maneira tão... tão... Imaginem uma criança meiga sendo gentil porque fez uma traquinagem; adicione a isso uma certa pureza, uma certa malícia, uma certa doçura encantadora e um sorriso autêntico e confessional ao mesmo tempo... Um desejo há muito tempo adormecido se me apresentou: tive vontade de dar um abraço daqueles bem apertados e carinhosos nessa garota (que por sinal adoro). Esse foi um momento mágico para mim.

Atingindo uma profundidade

A única forma de se atingir uma profundidade de uma maneira razoavelmente rápida e objetiva é por meio da genialidade, um tipo de genialidade bastante rara.

Os discursos inflamados

O que mais me desgosta nos discursos inflamados, ou melhor, o que mais me faz rir é a sua superficialidade: mesmo algumas grandes mentes se tornaram pobres em virtude das mesmas causas que fizeram dos discursos inflamados efeitos vis e desonestos — na verdade, as mentes são subjugadas.

A confusão de idéias

A confusão mental, o estado de dúvida originado de uma grande fertilidade intelectual pode ser visto como uma espécie de cortina em alguns casos: aqui, a fertilidade é originada de múltiplos sentimentos e instintos que estão a lutar uns contra os outros. Pode ser também fruto de uma leve mente perspicaz: as idéias andam de bicicleta livremente pela superfície do intelecto; a terra é originariamente fértil, não precisa de adubos. Do outro lado, temos o intelecto convicto e que sabe o que quer: isso pode ser tanto sinal de força quanto de demência.

** 31 de maio de 2008 **

A mudança na vida, parte 1

Ficamos decepcionados, em alguns momentos, por não logarmos êxito em determinada meta que estabelecemos: o caminho para a efetivação do sucesso era uma mudança no nosso modo de viver; mudamos, mas não atingimos nosso objetivo, as coisas da vida não se transformaram naquilo que gostaríamos que elas tivessem se transformado. Quando isso ocorre, é sempre bom ter em mente que A só leva a B se B pode ser causado adequadamente por A, ou ainda: às vezes nós não mudamos de forma satisfatória, não mudamos o que deveríamos ter mudado — ficamos na superfície, atacamos o problema com armas de brinquedo.

A mudança na vida, parte 2

A vida que dá vida a uma mudança na vida é sempre um *fato* interno: uma mudança só é mudança se assim a percebermos.

** 01 de junho de 2008 **

A falta de espírito, parte 1

Aquilo que emana das outras pessoas e que realmente nos afeta é essencialmente constituído de espírito: o corpo e o espírito

consubstanciam-se para formar a identidade do outro enquanto ser humano para nós, porém é feita de alma a matéria-prima utilizada na construção das bases de tal identidade.

A falta de espírito, parte 2

Em certo sentido, há pessoas que são irrelevantes para nós, falta-lhes identidade de ser humano: isso muitas vezes é causado por uma debilidade do espírito, por uma “falta de espírito”. Na nossa convivência com tais pessoas, sobretudo quando olhamos para elas, ficamos com a sensação de que ali há mais corpo do que espírito, é como se estivéssemos interagindo com um semi-humano, algo irrelevante por um lado, pois quanto menos humanidade temos, mais objetos somos, e impertinente por outro, pois é comum nesses casos que um conflito interno surja em nós: acostumamo-nos a ver no corpo de um ser humano o seu espírito, um espírito muitas vezes opulento e vigoroso; um cadáver ambulante produz uma sensação estranha, de que algo não está certo, não é bom: esta sensação entra em conflito com aquele costume. E não termina por aí: a alegria vivaz oriunda da interação com um de nossos semelhantes passa a não existir quando interagimos com tais *zumbis*, surgindo em nós um desgosto tênue e quase imperceptível em relação à própria humanidade, pois são nossas relações pessoais que constroem a humanidade da humanidade dentro de nossos corações — entramos em conflito, assim, com a nossa própria existência.

* 04 de junho de 2008 *

Apenas uma confissão: suicídio, parte 1

Hoje novamente pensamentos antigos vieram me atormentar. Já fazia um certo tempo que esses fantasmas não me assombravam com tanta brutalidade. São assombrações que há uma década trazem o desespero: está fazendo aproximadamente dez anos que mergulhei de *fato* em minha primeira grande crise depressiva, e o estopim foi uma garota... Na verdade, eu sempre tive a sensação de que, depois do mergulho,

nunca mais voltei à superfície: sempre fui um homem profundamente infeliz desde então.

Uma das coisas que sempre achei um tanto interessante nesse estado (e também aqui não posso deixar de ser analítico) é o seguinte: mesmo sabendo que amanhã ou depois de amanhã essa dor intensa vai passar e os pensamentos ruins vão me abandonar, isso pouco alivia os pensamentos pesados (que, por sua vez, também têm a função de aliviar) e a própria tristeza e angústia — é como se uma determinada visão de mundo me fosse imposta: uma perspectiva que torna superficial e sem sentido as outras perspectivas, ou melhor: uma perspectiva *absurda* e *destrutiva* que ganha sentido ao mesmo tempo em que despoja as outras perspectivas, deixando-as sem significado e força efetiva. Alguns chamam isso de “*a distorção da realidade feita pelo depressivo*”. Como eu sequer acredito que exista uma realidade fora de nós, eu chamo isso de “*o olho que o sentimento me deu*”.

Apenas uma confissão: suicídio, parte 2

Algumas coisas que estão acontecendo agora em minha vida me fazem lembrar de algumas coisas que aconteceram ontem, e o sentimento acompanha... É como um novo recomeço sendo proposto: parei em um determinado ponto ontem; hoje, fui recolocado exatamente naquele ponto: é preciso, agora, seguir no caminho correto, o que não fiz da outra vez. O vislumbre do sucesso alegrou-me; o fracasso apresentou-se — exatamente como no passado —, e o sentimento acompanha... E quem me acompanha? A música, a velha música, a *mesma* música que vem salvando a minha vida faz dez anos.

* 06 de junho de 2008 *

Buscando a escuridão

A busca por locais com pouca claridade, em especial quando buscamos um lar, um cantinho para ficar, é forte indício de que há em nós alguma coisa que prega contra a vida.

A melancolia religiosa

Uma religião não pode tornar os homens melancólicos: nós é que tornamos as coisas melancólicas.

A falta de regionalismo

A falta de regionalismo de uma pessoa, o próprio sentimento de que não está encaixada em sua época, a solidão que sente por não se identificar com grupo algum, o desejo de alçar-se para buscar um local que fizesse o seu coração sorrir, tudo isso mostra que há uma “falha” em sua própria natureza, e não na época, e não na região, e não nos grupos. O céu que busca para poder ser feliz não existe, é uma ilusão: doce quando intensifica a esperança, essa “alegria inconstante”; que traz desesperança quando é encarada de frente e descobre-se sua verdadeira face. Possivelmente esse tipo de pessoa se sentiria assim em qualquer lugar, em qualquer época que fosse posta.

Os julgamentos imprecisos

Se, para os fatos corriqueiros da vida, percebemos que nossas interpretações e nossos julgamentos estão sendo imprecisos e enganosos e, por isso mesmo, estamos sendo prejudicados, principalmente quando temos que tomar determinadas decisões, não é pouco relevante ponderarmos acerca da escolha errada: por que não apostar nela vez ou outra?

* 18 de junho de 2008 *

Mantenedor

Nos relacionamentos amorosos, a *igualdade* é muito importante para unir. Para manter, porém, é a tolerância com o diferente e a capacidade de cultivar as raízes que são determinantes em boa parte dos casos.

* 13 de julho de 2008 *

O verdadeiro cético...

Quando vê um fantasma, pergunta-se: “*Por que estou tendo essa ilusão?*”

* 19 de julho de 2008 *

O que o outro interpreta

Em certas conversas, é muito importante que as palavras que utilizamos para expressar determinado pensamento estejam em harmonia com o próprio pensamento.

* 23 de agosto de 2008 *

Do que realmente é importante na vida

Constituindo um instante curto e único, o corpo da vida aparece e, como um despertador, menospreza os fatos pequenos e corriqueiros, os acontecimentos e sentimentos delicados e pouco impactantes que preenchem o vazio de nossas vidas: o que realmente importa aparece por detrás da fumaça produzida pelos pequenos acontecimentos internos. Nesse estado, que muda? Os erros parecem menores, os problemas parecem menores, o rancor diminui, os desentendimentos desaparecem, a amizade reaparece, os humanos parecem mais humanos... Mas isso só não poderia preencher a vida — é apenas uma mudança de visão, de foco, de perspectiva: avistamos o cemitério e lembramos do caminho que devemos percorrer, porém, logo adiante, logo quando começamos a percorrer o caminho, o cemitério fica para trás, fica na lembrança, torna-se um *acontecimento* pequeno e então sai de cena dando lugar às pequenas coisas que nos cercam no dia-a-dia.

O pedaço da alma

Existe alguma coisa em minha alma que não é dela — ela ganhou. Falta alguma coisa em minha alma que não é dela — ela nunca teve... Ainda assim, falta!

Fé imposta

Se sua *natureza* não tem fé, aceite; se o medo quiser lhe obrigar a ter fé, negue.

* 24 de agosto de 2008 *

Da imparcialidade

O pequeno, médio ou grande esforço que fazemos para não sermos influenciados por algo já é uma prova de que esse algo já está nos influenciando, para o bem ou para o mal, de forma positiva ou negativa, interna e/ou externamente.

Os professores (alunos), parte 1

Às vezes observo os professores reunidos e percebo que, mesmo em pequeno número, eles tendem a fazer um grande barulho — exatamente como os alunos a quem criticam.

Os professores (alunos), parte 2

Outro dia estava dando aula quando escutei um aluno dizer: “*Professor, estão fazendo rabo de papel aqui...*”. Lembrei-me que eu mesmo fazia isso quando era aluno... Consegui disfarçar o sorriso e fui conversar com a turma.

* 30 de agosto de 2008 *

A tristeza alimentando a tristeza

Chego a ficar mais triste por estar triste; praticamente nunca fico mais feliz por estar feliz. Será que isso é mesmo assim? Essa sensação não se tornaria falsa em virtude da percepção objetiva e sem falseamentos que nunca temos da felicidade?

* 31 de agosto de 2008 *

Um alimento da alma

Não só de pão vive o homem, mas de todo sofrimento.

* 15 de setembro de 2008 *

Richard Wright

Sempre que preciso lembrar-me de algo criativo, sempre que necessito escutar algo que desperte minha mente, lembro e escuto Pink Floyd: é a complexidade musical, a qualidade técnica, o talento monstruoso para composições reunidos num grupo só... Hoje morreu Richard Wright, indubitavelmente um dos maiores tecladistas que já passaram pelo mundo. Hoje estou de luto.

* 19 de outubro de 2008 *

A incompletude do ser

O caso da Eloá me fez pensar novamente na completude e na incompletude do ser, na necessidade que temos do outro, na falta do amor próprio que nos leva a buscar no outro uma forma de sermos aceitos, de sermos amados e felizes. Realmente, ninguém se basta a si mesmo, o ser humano é incompleto: precisa sempre do amor materno e

paterno, de amigos, de um ente real coerentemente subjetivado ou mesmo de uma ilusão fantástica que possa preencher o seu vazio existencial. Percebo e sempre percebi, de uma forma ou de outra, que as pessoas supostamente felizes e independentes em relação às outras pessoas manifestam sempre algum desvio psíquico e emocional: algumas são religiosas em demasia (idéia de deus e outras ilusões mais sendo usadas para dar sentido à vida), outras são exageradamente altruístas (ajudar para sentir e manifestar poder, para humilhar e elevar a auto-estima baixa, para ter aceitação de outrem, uma aceitação que o próprio indivíduo não sente em relação a si mesmo), já outras ainda nos fazem rir com a distorção que fazem da realidade (realidade aqui entendida como ser subjetivo, claro) e com as idéias medíocres que passam por suas mentes (alienação e desvio do olhar).

Por outro lado, é essa necessidade do outro que nos faz seres sociais, que nos fez vencer, por conseguinte, enquanto espécie: as espécies cujos indivíduos sempre trabalham em grupo levam vantagem. Portanto, isso é algo natural e realmente só se torna uma grande desvantagem quando, em um dado indivíduo, determinadas anormalidades latentes nutrem-se até sua concretização: o indivíduo então sai de seu eixo, perde-se a si mesmo e passa a depender quase que completamente do outro — ele se perde e tende a ser profundamente infeliz, pois o outro nunca vai viver em função dele, nunca vai dar a felicidade que ele tanto deseja tampouco o amor que ele tanto necessita. E este último amor a que me referi é crucial em toda a situação, porquanto não basta que tenhamos a certeza de que o outro nos ama: só sentiremos o amor se ele já estiver presente em nós; em caso contrário, até uma eventual certeza será transformada em dúvida.

** 14 de novembro de 2008 **

A morte precoce

A precocidade de algumas pessoas traz rapidamente a velhice, a morte. Não raro, pessoas precoces morrem cedo.

** 13 de dezembro de 2008 **

A pena dos animais

A “pena” que sentimos dos animais muitas vezes é oriunda do sentimento de injustiça que experimentamos em relação a nós mesmos.

Noite e dia, vida e morte

A morte é uma noite eterna. A vida é um dia no qual cochilamos vez ou outra, aqui e ali: enquanto dormimos, no entanto, o dia envelhece... Mas também podemos acordar com mais disposição!

** 26 de dezembro de 2008 **

As contradições

Muitas das grandes contradições presentes nas pessoas vêm da racionalização.

Estando dividido

Às vezes, quando estamos gostando de duas pessoas ao mesmo tempo, ou seja, quando estamos divididos entre dois amores, é necessário que gostemos de uma terceira pessoa para que a confusão comece a terminar, é necessário que gostemos de nós mesmos.

Quem toma a decisão

Não decida com a cabeça o que deve ser decidido com o coração.

Pedindo ajuda

Aqueles que mais precisam de ajuda, em muitos momentos, não têm mais forças para gritar por socorro.

Compreendendo-se

A partir do momento em que percebi que nem eu mesmo me compreendia, parei de exigir tal compreensão dos outros.

Compartilhando

É da felicidade compartilhar e querer o bem de outrem: para a Terra ser melhor conservada, as pessoas precisariam, portanto, ser mais felizes. Em muitos casos falta consciência; em outros, felicidade. Eis a minha tese!

Perdoando, parte 1

Pedir a alguém para perdoar é pedir que seja mais feliz. O perdão não é uma característica dos fortes: é um derivado da alegria.

Perdoando, parte 2

Quanto mais felizes estivermos, mais tenderemos a perdoar; quanto mais perdoamos, mais nos aproximamos de uma felicidade - essa reciprocidade existe em vastos campos da vida, e compreender parte dela já é um grande passo.

O TOC e a felicidade

Eu venci o TOC sendo mais feliz: parecia que o TOC existia em mim para me dizer que algumas coisas estavam erradas. E eu sabia que coisas eram essas... Sempre enxerguei o meu TOC muito claramente.

Do que não gosto em épocas como Natal e final de ano?

De minha infelicidade, de meu vazio.

A dor de amor

Sempre fui um homem demasiado frio, receoso. Nunca tinha realmente sofrido por amor: hoje sofro, hoje sei que é uma dor horrível. Não obstante, não queria morrer sem experimentar essa dor - então já posso morrer em paz? Ainda não.

* 28 de dezembro de 2008 *

Agredindo para perdoar

Em certas ocasiões, é preciso agredir para perdoar: com a agressão, a raiva diminui, o ferimento é tratado, o outro nos paga. Pessoas muito introvertidas tendem a ser rancorosas.

A baixeza dos cientistas-povo

A baixeza de muitas “ciências” está no preparar, fazer e consolidar pesquisas mal feitas: o que as gera e o que delas se gera é sempre algo tendencioso, pessoal, baixo.

A reprovação nas escolas

Este ano, na escola onde leciono, houve um índice de reprovação muito elevado: por um lado, deixar o “caminho” livre para os alunos os incita a não estudar (o que ocorreu ano passado: muitos alunos simplesmente passaram sem estudar; este ano, além das piadinhas, muitos estudaram pouco porque pensaram que teriam o mesmo destino “bom”). Por outro lado, reprovação em massa não revolve boa parte dos problemas - cria muitos problemas, para falar a verdade. Em todo caso, nas atuais circunstâncias, prefiro a reprovação em massa do que o não-estudo recompensado.

* 21 de abril de 2009 *

A submersão invariável

No nosso percurso durante a vida, achamo-nos, em diversos momentos, imersos em tantos problemas que nos esquecemos por instantes que também devemos ser felizes. Por outro lado, quando estamos muito felizes, tendemos a nos esquecer dos nossos problemas e infelicidades. Os dois estados são naturais, todavia trazem-nos problemas quando são afetados por uma força que fornece exagerado crescimento: esquecer completamente dos problemas não é algo bom; viver nos (e para os) problemas é péssimo.

** 22 de abril de 2009 **

A porta

Em mim, a solidão não causa o desejo de escrever ou o prazer em conhecer: apenas os deixa entrar.

** 15 de maio de 2009 **

Da curiosidade dos educadores

Certos educadores-de-mesa, por terem sido e por serem curiosos e estudiosos, enxergam os alunos de uma forma um tanto otimista, projetando neles qualidades ou defeitos seus, expectativas, medos e esperanças que lhes eram próprios quando eram alunos. O resultado inevitável disso é que fazem uma análise sempre muito distorcida acerca de certos aspectos do sistema educacional, manifestando uma "benevolência" consideravelmente exagerada para com os alunos, um desrespeito visceralmente injusto para com os professores e lutadores da educação... Isto também é uma das coisas que caracteriza um educador-de-mesa: o distanciamento, não apenas físico, mas intelectual da realidade básica das escolas.

** 29 de julho de 2009 **

Quando não queremos ver

Em certas ocasiões, nós sabemos que fracassamos, mas, à procura de uma "receita" ou procedimento que solucione determinado problema, fingimos que não sabemos.

Da continuidade e dos exercícios evolutivos

"Na escola onde lecionava, como houve no Estado a mudança de governo em virtude de uma cassação, o diretor saiu, e a escola está sem diretor. Quando vier o outro diretor, possivelmente haverá

mudanças também no quadro de professores em pleno andamento do ano letivo”.

Tinha escrito isso em meu caderninho há alguns meses. Como estou tendo pouco tempo para publicar escritos, o tempo passou, passou, e não publiquei... Recentemente, na escola sobre a qual escrevia, outro diretor realmente assumiu (na verdade, uma diretora), e alguns professores saíram. Há umas duas ou três semanas, a secretária, que estava lá desde quando a escola foi fundada, também foi posta para fora sem nem saber, perdendo até sua matrícula por meio de ilegalidades políticas.

Propaganda “mágica”?

O Governo divulga que, o aluno chegando para fazer matrícula numa escola, encontrará vaga. Isso de fato quase ocorre, porém ao custo, ao menos parcial, de salas muito cheias e de escolas desorganizadas e sem estrutura para os professores e para aqueles que fazem a real escola. Nesse contexto, a propaganda do Governo seria uma espécie de truque de mágica? Estaria ele divulgando ou chamando a atenção para certas coisas para poder esconder outras? Ou será que ele não se importa com essas outras coisas?

No elevador, o andar de baixo

Nas caminhadas pela vida, eu vi e vivi muitos infernos, entretanto sempre tive consciência da existência de outros infernos diferentes dos meus, de outros andares abaixo do meu.